



JOSE MARIA VAZ DINTO COLLO

POESIAS

DE

Jose Bonifacio



RIO DE JANEIRO

LAEMMENT & C. Editores-proprietarios

66, rua do Ouvidor

POESIAS DE JOSÉ BONIFACIO

JOSÉ MARIA VAZ PINTO COELHO

POESIAS

DE

José Bonifácio



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. Editores-proprietários
66, rua do Ouvidor

A

Henrique Vaz Pinto Coelho

E

Christiano Vaz Pinto Coelho

José Bonifacio de Andrada e Silva

Nasceu em Bordeaux, em França, no dia 8 de Novembro de 1827 sendo seus pais o conselheiro Martin Francisco Ribeiro de Andrada e D. Gabriella Frederica, filha de José Bonifacio de Andrada e Silva.

Veio para o Brasil pouco antes da revolução de 7 de Abril.

Frequentou as aulas da Escola Militar de 1842 a 1845. Deixou-as por motivo de saude e passando a matricular-se na Academia de Direito de S. Paulo, formou-se em 1853.

Em 1854 foi nomeado lente substituto da Faculdade de Direito do Recife e depois transferido para a de S. Paulo.

Foi eleito em 1860 deputado provincial; e, em 1861, deputado geral, sendo reeleito em 64, 68 e 79, anno em que foi escolhido senador.

VI

Foi ministro da marinha no gabinete de 24 de Maio de 1862 e do Imperio no de 15 de Janeiro de 1864. Em 1883 rejeitou a presidencia do conselho.

Morreu subitamente ás 2 horas da madrugada de 26 de Outubro de 1886 em a casa de sua residencia á rua do Ouvidor na capital de S. Paulo.



Commoção profunda abalou hontem a população desta capital, quando o telegrapho nos disse:— *Morreu José Bonifacio!* Espontaneamente muitas casas de commercio das ruas principaes cerraram suas portas; diversos estabelecimentos puzeram bandeiras em funeral; alguns theatros resolveram suspender os espectaculos annunciados. — Varios jornalistas em trem especial partiram para S. Paulo, ás 7 horas e 50 minutos da noite de hontem, afim de assistirem ao enterro...

Espresso crepe envolve hoje a tribuna parlamentar do Brasil e a provincia de S. Paulo e o paiz, consternados, contemplan, mudo e inerte, o orador eloquente e impetuoso, a cuja voz vibravam os mais nobres sentimentos, porque essa voz se inspirava em alma purissima e no mais ardente amor da patria.— Sua palavra e sua penna, consagradas sempre á glorificação de tudo quanto lhe parecia grande, nobre e

VIII

justo, gravaram profundamente o seu nome na memoria da geração actual, que não indagou nunca quaes os actos e resoluções que o recommendavam como estadista á gratidão popular.

Uma atmospherica poetica e lendaria cercava esse sonhador perdido nas agruras da vida politica e desdenhoso dos interesses positivos. Isto explicará aos vindouros, que lerem a historia simples de sua vida, a sympathia geral que elle inspirava, e a solicitude carinhosa, quasi maternal, com que a opinião publica lhe acompanhava os passos e a commoção profunda que abalou hontem a população desta capital, quando o telegrapho nos disse:—Morreu José Bonifacio!—

(*Jornal do Commercio*, de 27 de Outubro de 1886).

*

26 de Outubro de 1886, 2 horas da manhã...

Dia funesto e hora aziaga foram assignalados na historia nacional ; porque não ha palavras que possam exprimir a dôr suprema que neste momento deve enluctar a nossa patria, ao vêr partir-se dentre os vivos aquelle que era como que o pharol da nação, a lampada inextinguivel do patriotismo e da virtude, a estrella guiadora dos destinos nacionaes na senda da honra e da felicidade.

(*O Paiz*, de 27 de Outubro).

O morto de hontem...

Herdeiro de um nome legendario, soube engrandecel-o. Tinha as largas vistas de José Bonifacio, o character sisudo de Martim Francisco e a eloquencia de Antonio Carlos. Vivendo em tempos mais tranquillos, se foi menos sujeito aos revezes, foi mais exposto ás tentações

(*Gazeta de Noticias*, de 27 de Outubro).

*

A morte de José Bonifacio é semelhante á morte de uma parte da alma que ainda anima aos que nesta terra combatem pelos eternos principios da liberdade. Sente-se que esta morte vem ferir fundo o coração da patria, que se agita convulsivamente como uma aguia agonisante.

(*A Gazeta da Tarde*, de 27 de Outubro).

*

O *Diario de Noticias* dá pesames á Patria, perguntando ao Brasil se possui algum filho para substituir na vida publica o morto de hontem.

(*Diario de Noticias* de 27 de Outubro).

*

Dizem que entre nós o governo é arido e cresta, que ha nas regiões onde elle plana um ser

invisível, que causa vertigens ás cabeças mais solidamente organizadas, e debilita as naturezas mais consistentes. José Bonifacio fez a ascensão á essa região mysteriosa com Zacarias de Góes, outro condor que sabia procurar os pincaros, para contemplar de tão alto a imagem, a extensão e as tristezas do espaço. De lá desceu impoluto trazendo sãs todas as vibrações do patriotismo.

(*O Rio de Janeiro*, de 27 de Outubro).

*

A mais nobre, a mais pura, a mais alta individualidade politica do nosso paiz foi hontem extinta pela morte e um vacuo infinito enche hoje em nossos corações o logar que ella occupava.

Para uma nação como o Brazil a morte de um homem como José Bonifacio é uma catastrophe.— Em José Bonifacio, com effeito, a perda maior para o paiz não é a da eloquencia incomparavel do orador, é a da pureza e integridade do politico.

Não é, porém, com palavras que se deve fallar delle no dia seguinte ao seu passamento; mas sim com o silencio, com que se recebe a noticia de uma grande desgraça nacional, dessas que ferem de morte a esperanza de uma geração inteira.

JOAQUIM NABUCO.

(*O Paiz*, de 27 de Outubro).

O corpo que dentro em pouco vai baixar á terra abrigou a mais esplendida intelligencia deste paiz, o coração mais nobre que jamais pulsou em peito de homem... Elle, o morto immortal, não era uma força sómente porque a sua palavra fôsse um clarão, mas porque o seu character era uma clari-
dade.

Quando aquella cabeça apparecia na tribuna do parlamento como um globo de luz, aquella alma afi-
nada no mais puro patriotismo desdobrava-se com a transparencia de uma aurora.

Ninguem teve entre nós tamanha magia na elo-
quencia e nunca o astro da eloquencia alçou-se áquella
culminação.

Mas o que sobre-tudo o tornava invencivel era a
fortaleza de sua vontade, a fina tempora de seu
character, a immaculada lisura daquella existencia.—
Era, em sua maxima evidencia, a oratoria trium-
phante pela probidade do orador.—

JOAQUIM SERRA.

(*O Paiz*, n. cit.).

*

... Todos esses órgãos da transmissão do pensa-
mento e da consciencia publica se hão de reunir em
concerto unanime de elogios, para honrar o homem
de bem que se mostrou constantemente o bemfeitor

e o amigo dos pobres, o consolador de todos os sofrimentos que lhe eram revelados.—Quanto a nós que tínhamos a vantagem de o conhecer pessoalmente em dulcíssima intimidade, que tínhamos a felicidade de o ouvir sempre nessa palavra magica que inebriava a quem quer que fôsse, accitando ou subcrevendo tudo quanto de elevado se possa justamente dizer d'elle, propomo-nos a fallar só do jurisconsulto, do *prudens ad consilia*, isto é do advogado consultante ou consultor, exprimindo assim nossa admiração ante trabalhos seus nesse genero.—... Bastava, por nosso parecer, lêr uma e só consulta de José Bonifacio para ficar convencido da obra do jurisconsulto. Não era sómente porque essa composição fôsse exacta ou justa em suas conclusões, em harmonia com os verdadeiros principios, cheia de erudição antiga e moderna, não omittindo nenhum dos pontos de vista essenciaes que se ligam ao ponto em litigio... O que caracterisava, segundo cremos, a exposição de José Bonifacio, o que o distinguia de todos os seus rivaes, o que fazia d'elle espirito classico, era seu methodo e sua linguagem.—... O conjuncto de seu trabalho respirava o tom da autoridade que fazia cessar todas as duvidas e senhoreava logo todas as convicções.

Si tivéssemos a estatua de Themis, a deusa da justiça, devíamos como faziam os antigos, cobril-a de

véo funebre e mandar gravar sobre a pedra do tumulo desse grande brasileiro, estes versos que Aug. de Thou compoz quando morreu Cujacio:

*Magnus obit nostri lumen Cujacius ævi,
Ille a quo potuit discere Themis.*

CARLOS PERDIGÃO.

(*O Paiz*, n. citadô).

*

Morreu—póde-se dizer—esmagado pelo seu talento e pelo seu character.

ARTHUR AZEVEDO.

(*O Diario de Noticias*, de 27 de Outubro).

*

A idéa de se levantar uma estatua a este homem ha de despertar um éco sympathico em todo o paiz. Quando a historia perguntar que facto de sua vida está perpetuado no bronze, não se poderá dizer delle como de Euzebio de Queiroz, que fechou os portos de uma nação livre ao commercio vil de escravos, nem como de Rio Branco que estancou no ventre materno a nodoa original da escravidão, mas, dir-se-ha que viveu no nosso mundo politico e não se deixou contaminar pela ambição, que teve um grande talento e empregou-o sempre a defender a bôa causa; que desceu ao tumulo tão limpo de consciencia como sahira

do berço; e que si o Brasil tivesse tido por supremo conselheiro aquelle espirito tão limpo, seriam hoje muito mais vastos os horizontes da patria.

Tendo ido pelo espirito além do tempo em que viveu, José Bonifacio deve reviver na perpetuidade do bronze, como já revive na da historia, para que sigam as gerações futuras o exemplo que não seguiram os contemporaneos.

DR. FERREIRA DE ARAUJO.

(*Gazeta de Noticias*, de 1º de Novembro de 1886).

*

E' no angustioso momento, em que se cala para sempre uma voz como a de José Bonifacio, que nós, politicos, nos sentimos pequenos ante tanta grandeza e eloquencia.

ESCRAGNOLLE TAUNAY.

*

C'aro e vibrante espirito, cahiste,
 Não ao peso dos annos, mas ao peso
 Do teu amor á nossa patria amada.
 E ella que fica desvairada e triste,
 Chora lembrando o verbo teu acceso,
 Filho de Andrada e portentoso Andrada !

MACHADO DE ASSIS.

Calou-se emfim aquella voz divina
 Que vibrava em teu nome, ó Liberdade!

GENERINO SANTOS.

*

Sim! elle entrou, de bençãos radiante
 Pelo portão da luz na Eternidade,
 Qual aguia que dos céos na immensidade,
 Livre revôa, tão de nós distante.

B. SAMPAIO.

*

Sol offuscante, erguido no Oriente,
 Dardejavas teus raios de gigante,
 Soltaste o vôo de condor pujante
 Deixando um rasto no Brazil ingente.

VALENTIM MAGALHÃES.

*

Hoje, porém, que esse colosso dorme,
 que quer dizer esse silencio enorme?
 — Saudade immensa e immensa solidão!

SILVA TAVARES.

POESIAS

POESIAS DE JOSÉ BONIFÁCIO

Pauvre Fleur (*)

INEDITA

DI nascer uma rosinha
Triste, languida, abatida,
Junto á margem de um regato,
Quasi, quasi, esmorecida;

Mas deu-lhe a noite seu pranto
A brisa beijos do céu,
A aurora terno sorriso,
O orvalho candido véu...

E após viçou melindrosa
A rosinha enfeitçada,
Cheia de graça e magia,
D'enlevos toda arroubada.

(*) Esta poesia, dedicada pelo autor á sua irmã Exm. Sra. D. Maria Flora de Andrada, foi feita no seu tempo de preparatorios.

A' obsequiosidade do Exm. Sr. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada devemos a publicação.

A *Propaganda* (orgão republicano — cidade do Juiz de Fóra) n. de 27 de Novembro de 1886).

E tu rosa de meu peito,
Minha irmã, meu bem supremo,
Estrella no meu penar
De casto amor tão extremo,

Seraphim que me sorris,
Anjo puro de innocencia,
Meu sonho do paraíso
De sublime etherea essencia;

Sabes tu porque me afflijo,
Porque não tenho alegria,
Porque fogem de meus labios
Sons de magica harmonia?

E' por vêr-te inda tão joven
Tanto martyrio a soffrer;
Porque a pallida doença
Faz-te amargo fel server.

Oh ! quem me dera já vêr-te
Como a rosinha viçosa
Cheia de brilho como ella,
E como ella tão mimosa.

Santos, 1848.

ADEUS DE GONZAGA

ADEUS, Marilia, adeus! o sonho corre,
 Vai-se gastando a vida, vai fugindo
 Estremece-me a voz, eil-a que morre,
 Inda o teu doce nome repetindo.
 Uma hora lá vem, outra decorre,
 E eu vejo em pranto o teu rosto lindo!
 Adeus, Marilia, adeus! a sepultura
 Abre-me agora um leito em terra escura.

Ai, como é feia a terra do desterro!
 Aqui não sopra a minha patria aragem;
 Aqui lançou-me a liberdade, — o erro
 De prestar á innocencia vassallagem;
 Aqui no chão do exilio, onde me enterro
 Inda placida brilha-me tua imagem!
 Luar das minhas noites, sol do dia,
 O corpo aquece-me, — eis a terra fria!

Oh ! tu não sabes como é negra a sorte,
Quando tudo é horror, tudo castigo ;
Quando a memoria louca busca um norte,
E vê deserto o mundo, ermo jazigo !
Olha : em roda de mim é tudo morte,
Porque esta vida lá deixei contigo !
Oh ! não esqueças não, quem te adorava,
O' alma livre de minh'alma escrava.

Aquellas sombras do cahir da tarde
Inda murmuram placidos amores ;
Inda um desejo treme e vôa e arde,
No doce orvalho a gottejar das flôres ;
Inda nos prados da natura alarde
Sacode a viração meigos frescores !
E nós sepultos — que tristeza e calma !
Eu em teu coração, tu em minh'alma !

Mas não morreu-me, não, agra lembrança
De tudo que viveu em teu sorriso ;
Luz perdida no ermo da esperança,
Neste inferno de dôr — meu paraizo...
Isto só — nada mais a vida cança,
Cerca-me a escuridão, trevas diviso !
Meu peito é sepultura onde enterradas
Estão nossas lembranças mais amadas !

Como um abysmo de saudades cava
 A dôr neste meu peito dia a dia ?!
 Lá eu tinha choupana onde habitava,
 Lá brancas ovelhinhas que eu pascia,
 Lá — que aurora feliz quando acordava !
 Lá — que noite formosa, se dormia !
 Tinha, tinha dous sóes, que luz tão bella !
 O sol do céo e o sol dos olhos della !

Aqui suspiro e gemo desterrado,
 Avesinha nas grades da prisão ;
 Aqui, si busco em pranto o meu passado,
 Vejo nuvens, deserto e solidão ;
 Aqui o céo é triste, annuviado,
 Não tem échos de amor, não tem-n'os, não !
 Lá eu tinha dous céos ao sol já posto,
 Um céo no firmamento, outro em teu rosto.

Oh ! como surge agora enfeitçada
 Aquella minha terra dos amores !?
 Aqui vejo na fonte debruçada,
 Flôr que o rosto inclinou entre outras flôres,
 Alli na face nivea a mão poisada,
 Rosa que descorou em seus ardores ;
 Mais além, sob a copa do arvoredado,
 Contando ao sol da tarde o seu segredo.

Ai, Marília, Marília ! que é da vida
 Que em meus braços contigo então sonhava! ?
 A casa, o ribeirão, a luz sumida,
 Detrás do monte... além... que desmaiava;
 Da ovelha desgarrada a voz perdida,
 O gado que sozinho alli pastava;
 O chão, a relva, a fonte, as lindas flôres,
 Nosso céo, nossa luz, nossos amores ?!

Nada, nada ficou !... neste deserto
 O tenue sopro desta vida expira ;
 Mal bate o coração, já não acceito
 Esses hymnos de amor que a alma delira !
 Eis lá na sepultura vejo ao perto
 Murchas corôas e quebrada lyra,
 Trevas, silencio... solidão... horror !
 Nem um pranto... um gemido... uma só flôr!

S. Paulo, 1848.

(Public. nas — *Harmonias Brasileiras* — S. Paulo—1859).



Saudades do Escravo

ESCRAVO—não, não morri
 Nos ferros da escravidão ;
 Lá nos palmares vivi,
 Tenho livre o coração!
 Nas minhas carnes rasgadas,
 Nas faces ensanguentadas
 Sinto as torturas de cá ;
 Deste corpo desgraçado
 Meu espirito soltado
 Não partiu—ficou-me lá !

N'aquellas quentes areias,
 N'aquella terra de fogo,
 Onde livre de cadeias
 Eu corria em desafogo.
 Lá nos confins do horizonte .
 Lá nas planicies. . . nos montes.
 Lá nas alturas do céu.
 De sobre a matta florida
 Esta minh'alma perdida
 Não veio—só parti eu.

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh'alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria.
O zunir do fero açoite
Por estas sombras da noite
Não chega, não, aos palmares!
Lá tenho terras e flores
Minha mãe... os meus amores.
Nuvens e céos. os meus lares!

Não perdi-a—que é mentira
Que eu viva aqui onde estou;
A' toda hora suspira
Meu coração—p'ra lá vou!
Oíço as feras da floresta
Em feia noite como esta
Enchendo o ar de pavor!
Oíço, oh! oíço entre os meus prantos
Além dos mares os cantos
Das minhas aves de amor!

O' nuvem da madrugada,
O' viração do arrebol,
Leva meu corpo á morada
D'aquella terra do sol!

Morto embora nas cadeias
 Vai poisa-lo nas areias
 D'aquelles plainos d'além,
 Onde me chorem gemidos,
 Pobres ais, prantos sentidos,
 Na sepultura que tem !

Escravo—não, inda vivo,
 Inda espero a morte ali ;
 Sou livre, embora captivo,
 Sou livre inda não morri !
 Meu coração bate ainda
 Nesse bater que não finda ;
 Sou homem—Deus o dirá !
 D'este corpo desgraçado
 Meu espirito soltado
 Não partiu—ficou-me lá !

S. Paulo, 1850.



O TROPEIRO

I

O Arreeiro



LHA a madrinha da tropa,

João ;

O lote não vai seguido,

Deitou-se o burro—Perdido—

No chão !

Sentido no alevantar,

Cuidado !

E' arisca a besta baia,

Anda, vê que ella não caia,

Pasmado

Toca a—Fidalga—da beira

Da serra ;

Si escorregar, vai-se embora

Pelo barranco de fóra

Na terra.

Diabo, que fazes tu,
 Não vês?
 Sacode o relho, o chicote,
 Só andam cinco no lote,
 São seis.

Tinhoso, vira essa cara
 No andar ;
 Estou vendo a cabeçada
 Da besta mais carregada
 No ar.

Olha o cavallo tordilho
 Parado ;
 Sentido que o lote espalha,
 Já traz pendida a cangalha
 Do lado.

Deita, deita o tapa-olhos,
 Não pares ;
 Aperta mais o arrôcho
 Vai o ligal meio frouxo
 Nos ares.

A ferradura alli está
 Da mão ;
 Anda, suspende o embornal,
 Não vês o saco de sal
 No chão ?

Ché que esperança! lá vou,
 Rapaz ;
 Vou só beber a caninha
 Ali n'aquella vendinha
 — Detraz.

Vamos depressa, galópa,
 Machinho ;
 Em dous minutos lá estou,
 Tenho as chilenas, lá vou,
 E volto logo ao caminho.

Tenho o meu ponche, a garrucha,
 Que mais ?
 Posso seguir socegado
 — Que vou correndo o meu fado,
 Vou com Deus e vou-me em paz.

II

O tocador de lote

ENROLEMOS o couro,—é já dia,
 Vamos vêr nossas bestas no pasto ;
 Tenho faca, o cigarro alumia,
 P'ra tocal-as de lá eu só basto.

Vamos, vamos—estacas no chão !
 Vamos, vamos—caminhe-se em paz !
 Aqui tenho os cabrestos na mão,
 Tenho milho, cangalha, embornaes.

Carreguemos—que o sol já lá vem ;
 Carreguemos—que é tarde—partir !—
 Descerei esta terra—inda bem !—
 Volto logo, bem sei que hei de vir.

Ai ! soltemos o lote primeiro,
 E na frente que *puxe* a madrinha ;
 Besta velha—com passo ligeiro,
 Que não levas em vão campainha.

Guia as outras, não percas o rumo,
 E sentido que alguma não passe ;
 Tenho os pés callejados,—á prumo
 Cahe o sol,—já tostou-me esta face.

Vou dormir lá por baixo da serra ;
 Tenho o couro, de nada preciso ;
 Descarrego os jacás,—sobre a terra
 Durmo alegre ao luar—que sorriso !

Bem me entendem as bestas, si fallo ;
 Tem seu nome—qu'eu as baptizei ;
 No assobio, do relho no estalo
 Si converso com ellas eu sei !

Vou cantando—que o sôpro d'aragem
 Traz-me o riso na voz do trabalho;
 De viola na mão—na viagem
 Bato o pé na *tyranna*, si falho.

Vamos, vamos seguindo o caminho
 — Qu'eu já tenho saudades da serra;
 Nasci lá pelos montes sózinho,
 Quero vêr outra vez minha terra.

Minha casa de palha coberta,
 Minha cêrca de páo de pinheiro:
 Quero ouvir, quando a aurora desperta,
 O meu gallo cantar no poleiro!

III

O Cozinheiro

JÁ está bem perto
 O poiso ali,
 Voltando o morro
 Qu'eu bem o vi.

Eis o ancorote
 Agua busquemos;
 Si houver demora,
 Sei o que temos!

Preparo o fogo
 E o caldeirão
 Já tenho prompto
 Sal e feijão.

N'hum fechar d'olhos
 Tenho o jantar;
 Barriga cheia
 Toca a folgar.

Não puxo bestas,
 Não levo cargas;
 As noites minhas
 Não são amargas.

Pelas estradas
 Sou eu o rei;
 Vou de *corcova*,
 Vou qu'eu bem sei.

Alegre e rindo
 A vida acceito;
 Tenho o sincerro
 Dentro do peito.

Bem pequenino
 Deixei meu ninho;
 Fui *correr mundo*
 Pelo caminho.

Eis chega a noite,
Brilha o luar ;
Do fogo em roda
Vão-se aqueantar !

Vamos depressa,
Temos café ;
Depois diremos
Quem bate o pé.

Tenho um bentinho,
Tenho um rosario ;
Lá vêm as contas
Do meu fadario.

S. Paulo.—1850.



CALABAR



H ! não vendeu-se, não ! —elle era escravo
 Do jugo portuguez—quiz a vingança ;
 Abriu sua alma ás ambições de um bravo
 E em nova escravidão bebeu a esp'rança !
 Combateu... pelejou... entre a batalha
 Viu essas vidas que no pó se somem ;
 Enrolou-se da patria na mortalha,
 Ergueu-se—inda era um homem !

Calabar ! Calabar ! foi a mentira
 Que a maldição cuspiu em tua memoria !
 Amaste a liberdade ; —era uma lyra
 De loucos sonhos, d'elevada gloria !
 Alma adejando n'este Céu brilhante
 —Sonhaste escravo reviver liberto ;
 Subiste ao largo espaço triumphante,
 Voaste— era um deserto !

A'quem trahiste, heroe ?— na vil poeira
Que juramento te prendia á fé ?!
Escravo por escravo essa— bandeira
Foi de um soldado lá— ficou de pé !...
Viu o sol entre as brumas do futuro
— Elle que por si só nada podia ;
Quiz vingar-se tambem,— no sonho escuro
Quiz ter tambem seu dia!

O pulso roixo da fatal cadeia
Brandiu uma arma, pelejou tambem,
Viram-n'o erguido na refrega feia,
— Sombrio vulto que o valor sustem!
Respeitai-o— que amou a heroicidade !
Quiz erguer-se tambem do razo chão !
Foi delirio talvez— a eternidade
Teve no coração !

Oh ! que o Ceo era lindo e o sol se erguia,
Como um incendio nas braceas terras ;
Da cimeira da selva a voz surgia,
E o som dos ventos nas remotas serras !
Adormeceu... á noite em funda calma
Ouviu ao longe os echos da floresta ;
Bateu-lhe o coração—triste sua alma
Sorriu-se—era uma festa !

Homem— sentiu na carne desnudada
 O açoite do algoz nodoar a honra,
 E o sangue sobre a face envergonhada
 Mudo escreveu o grito da deshonra !
 Era escravo ! deixae-o que combata ;
 Livre nunca elle foi— quer sêl-o agora,
 Como o peixe no mar, a ave na mata,
 Como no Céu a aurora !

Oh ! deixae-o morrer — deste martyrio !
 Não alceis a calunnia ao gráo da historia !
 Que fique a lusa mão em seu delirio
 — Já que o corpo manchou, manchar a gloria !
 Respeitemos as cinzas do guerreiro
 Que no pó sacudira a alteira frente !
 Quem sabe esse mysterio segredeiro
 Do sol lá no horizonte ? !

Não se vendeu ! infamia... era um escravo !
 Sentiu o estygma vil, horrendo sello ;
 Pulsou-lhe o coração, viu que era um bravo ;
 Quiz despertar do negro pesadello !
 Tronco sem folhas, triste e solitario,
 Debalde o vento assoberbar tentou,
 Das azas do tufão ao sopro vario
 Estremeceu—tombou !

Paz ao sepulchro ! Calabar morreu !
 Sobre o t^opo da cruz falla a verdade ;
 Quiz ser livre tambem—elle escolheu,
 Entre duas prisões, quiz ter vontade !
 E a mão heroica que susteve a Hollanda
 A covardia entrega desarmada !...
 Vergonha eterna a Providencia manda
 A' ingratição manchada !

Morreu!— mas lá no marco derradeiro
 O coração de amor bateu-lhe ainda !
 Minh'a mãe ! murmurou... era agoureiro
 Esse queixume de uma dôr infinda !
 Morreu, o escravo se desfez em pó...
 Ferros lançai-lhe agora, si o podeis !
 Vinde tyrannos— elle está bem só,
 Dictai-lhe agora leis !

S. Paulo, 1850.

Esta bem como as denominadas—*Saudades do escravo e O Tropeiro* foram offerecidas ao grande democrata Luiz Gama, que publicou-as no seu livro—*Primeiras Trovas Burlescas De Getulino*— S. Paulo, 1859.

ANJO NO EXILIO

SA no mundo, talvez, embora o neguem,
 Criaturas de Deus que o mundo engeita ;
 Ella que o diga, a filha da tristeza
 Que cultos não acceita !...

Ella que tem o labio descorado,
 E os pretos olhos tristemente rindo ;
 Ella que chora ás vezes de joelhos,
 Não sei o quê pedindo !

Ella — que tem a pallidez angelica,
 Veias de azul na transparente alvura ;
 Ella talvez — que resuscita os mortos
 Em pé na sepultura !

Ella que move o corpo mollemente
 Como o arbusto que o vento vai dobrando ;
 Ella — tão pensativa — que já dizem
 Que só vive sonhando !

Ella — que envolta n'um vestido branco
Parece um seraphim de azas de neve ;
Ella — que passa como o som da aragem
Tão fugitiva e breve !

Quem nega haver no mundo anjos celestes
Veja-a no templo — sim... que a veja um dia,
Com o seu livro doirado — os olhos baixos,
E diga que não cria !...

S. Paulo, 1853

Publicada no *Acayaba* (S. Paulo) — 1853.



LIBERDADE

LIBERDADE—tu nasceste,
 Como o sol luz no horizonte ;
 Vida nova tu nos déste,
 Tu és do céu uma fonte ;
 Os homens todos te adoram.
 Suspiram, gemem, descóram,
 Quando veem-te a padecer ;
 Tu és astro, tu és nume,
 E's de Deus o eterno lume,
 E's vida, és alma do ser !

Ama-te o vento a soprar,
 As flôres tamhem te amam ;
 A selva, as aves, o mar
 Teem vozes com que te chamam ;
 Ama-te o misero escravo,
 De mil batalhas o bravo,
 O emparedado tambem ;
 Que te escarrem sobre as faces,
 Que encorrentada tu passes,
 Tu és eterna—que tem ? !

Eu sei que os tempos de agora
São tempos de ferreo mando,
Que a tyrannia não córa
De vêr o povo chorando ;
Sei que a Roma dos Sulpicios
Já não têm os seus commicios
Não respira, vive morta ;
Sei que Veneza perdida
Vejo curvada, entanguida
No frio chão—mas que importa ? !

Que importa se lá no céo
A eterna voz nos ensina,
— Se a mão de Deus escreveu
Que a liberdade é divina.
Se de um tyranno no throno
Eu posso romper o somno,
Quebrar a fingida calma,
— Se posso emfim perguntar
Si não é livre o pensar,
Si não é livre sua alma !

Que importam essas cadêas
Os pulsos a retorcer,
Si tu, Catão, não receias
Com tua patria morrer,

Se o amor da liberdade
 Em firmes peitos não ha de
 Por um instante apagar ;
 Se vis grilhões ou supplicios
 Os heroicos sacrificios
 Nunca podem deslustrar ? !

Liberdade—és um farol
 Brilhante, fulgida luz ;
 Tu és scintella do sol
 No topo da humilde cruz ;
 E's um sorrir de bonança,
 E's um clarão d'esperança
 Que o marinheiro acalenta ;
 E's a palavra sagrada
 Por Jesus Christo soltada
 A' geração que rebenta !

Comtigo eu vivo sonhando,
 Virgem de casto sorriso,
 Por quem se morre cantando,
 Por quem se escurece o sizo,
 Por quem trocára o passado
 Meu futuro imaginado
 E todo o gozo presente ;
 Liberdade—iris fagueiro
 Raio do sol verdadeiro
 Que a vista d'alma presente !

Tens o symb'lo no Calvario
— Nos braços daquela Cruz !
Foi d'ali que ao mundo vario
Veiu uma aurora de luz,
Foi d'ali que rebentou
Nova semente, e brotou
A sacrosanta doutrina ;
Foi—sim—aquella tortura,
Que livrou a terra impura,
Que apontou-nos outra sina !

O sangue que ali cahio
A terra deixou manchada,
Mas para sempre remiu
A raça degenerada ;
Aquelle eterno baptismo
Annuncia o brilhantismo
De um futuro grandioso ;
N'aquellas chagas abertas
Brilhão lettras inda incertas
De um destino glorioso !

Liberdade—não morreste,
Tens erguida a tua bandeira
Que importa se adormeceste
De alguns ossos na poeira ? !
Nem um braço por mais forte
Póde ousado dar-te a morte,

Abra-te embora o jazigo !
 Bonaparte quiz matar-te—
 — E foi constricto adorar-te
 N'um rochedo sem abrigo!

Que importão esses tormentos
 Que lá nas trevas se rendem ?!
 Pelejadores aos centos
 Da cinza morta já surdem ;
 — Qual mais valente extremado
 — Qual mais zombando do fado,
 Dá-te a vida, o coração ;
 Votario de teus altares
 Não teme a sorte, os azares,
 No campo a morte ou grilhões !

Liberdade—és o meu sol,
 E's minha estrella querida,
 De minha vida o arrebol,
 O sonho de minha vida ;
 E's o astro que eu adoro
 E cujas luzes imploro
 Para a terra onde vivi ;
 E's a benção de meu pai
 Que me mandou nesse ai
 — O derradeiro que ouvi.

S. Paulo, 1853.

(Publ. nos *Ensaíos Litterarios* do ATHENO PAULISTANO, 1853).

Visão

I

POR noite negra em que a tormenta ruga,
Em que a nuvem se inflamma e o raio cruza,
Onde vais desgraçada ?

Pallida a face—demudado o rosto,
O andar hirto de estatua—a voz nas fauces,
Muda, triste e sem vida ?

Onde vais desgraçada ?—o vento ás soltas
Encrespa as ondas dessas tranças pretas,
E zune—e passa rindo !

E tu nem ouves—nessa dôr perdida,
Oppresso o coração—olhar immovel,
— Nem um soluço ao menos !

Outr'ora viva em salas fulgurantes
 Teu pé mimoso molestava as sedas ;
 Era teu rosto um céu !

Escravos todos a teus pés rendidos
 Por um olhar d'aquelles fugitivos
 Morriam... sim, morriam !

E agora assim murchada a luz dos olhos,
 Estrella que passou, flôr já sem brilho,
 Nem me queres ouvir !

E a senda agreste da montanha erguida
 Sobes... sobes... com animo quieto
 Eis-te ao cimo chegada.

..

II

Vi-a um instante—rareando ao longe,
 Como em doce manhã serena sombra
 De rapido fulgor !

Rolou depois ao fundo dos abysmos,
 E o pescador julgou-a—em brancas vestes
 — Alva espuma do mar.

Voga nas aguas, voga—em paz descansa !
Não terás sobre a terra estreita cova,
Nem oração de crente !

Vai-te, não voltes!—E's imagem triste
Da felicidade... uma illusão perdida,
Sonho, visão ou nada !

S. Paulo, 1853.

(Publ. no *Acayaba*, 1853).



NO CORCÓVÃO

Ao cimo desta montanha
 Praz-me a vista esparecer,
 Vêr na solidão tamanha
 O mar em ancias tremer,
 — E as nuvens agglomeradas
 Pelos ventos açoitadas
 Correrem como um corcél ;
 Zombar de fôfas grandezas,
 De tantas loucas emprezas,
 Falso brilho de ouropel !

Aqui tão livre como o ar
 Minha alma sinto maior ;
 Aqui se quero cantar
 Rompem-me os cantos de cór ;
 Aqui a noite que passa
 E os hemyspherios abraça
 Têm sombria inspiração :
 Mesmo assim— as negras horas
 Não as troco por auroras
 Têm por throno o coração !

Aqui sou rei ;— minha mente
Corre solta, aventureira ;
Vejo, soldado valente
A meus pés a terra inteira ;
Ergo aqui altivo o collo,
E si busco á vida um polo
Dou-lhe logo a liberdade ;
Porque si esta immensa altura
Lá nos astros Deus fulgúra
Luz no espaço a eternidade

Aqui tão perto do céo
O que me abala—não sei :
Creio as nuvens denso véo
De algum mundo que habitei,
Conviva eterno este vento
Que tem por seu pavimento
Torvas aguas do oceano ;
Creio as meigas estrellinhas
Desventuradas rainhas
Já sem poder soberano

Aqui, poeta, imagino,
Coisas fundas como o abysmo ;
Aqui decifro o destino,
Vejo a altura do heroismo ;
Aqui comprehendo a virtude
Tal qual é e o vicio rude

N'estas distancias que meço :
 Lá embaixo a terra me acanha,
 Deixem-me aqui na montanha,
 Quero sonhar Nada peço !

Que voz sentida e profunda
 Os echos do vasto mar ?
 Em que segredos abunda ?
 Que mysterios quer contar ?
 Talvez as ordens repita
 Que a ventania lhe dicta,
 Por ser ao Eterno sujeita ;
 Talvez em magoas suspira
 Porque o cahos não vira
 — Antes que a luz fôsse feita !

Salve, montanha gigante,
 Que vês o céo, não a terra !
 Salve, tritão triumphante
 Que sabes cantos de guerra !
 Nesta bahia tão larga
 Foi de lembranças a carga
 Que tornou-te corcovada :
 Tu guardas em tuas entranhas
 Ricas memorias, tamanhas,
 E muita gloria passada !

Tu sabes muitas historias
Do selvagem captiveiro,
Sabes perdas e victorias
De algum nauta aventureiro ;
Sabes os ossos dormidos
Por esses campos perdidos
Desta plaga americana :
A ventania que ruge
E a tempestade que muge
As memorias não te empana !

A's vezes se me afigura
Que és funereo monumento.
Que vives — 'hi nessa altura
A segredar um portento ;
Que Deus, assim te formou,
Si tão alto te elevou,
De certo não foi em vão ;
Que és um emblema da sorte,
Um symb'lo de vida ou morte
Da Brazileira nação !

A's vezes creio-te a ossada
De algum guerreiro indiano,
A' quem saudade ralada
Deu um vulto sobre-humano :
Seus irmãos tanto o choraram,
Tantas luas o esperaram,

Sem vêl-o nunca voltar
Que o Senhor sempre bondoso
Fêl-o assim — tão poderoso
Depois de morto assombrar !

Si em nevoeiros envolto
Elevas o teu cabeçaço ;
Com esse cabello solto,
Como tu nada conheço ;
Julgo-te então um *Piaga*
Em muda voz aziága
A revelar tradições ;
E's grande assim, és sublime,
E ás vezes teu canto exprime
O ribombar dos trovões !

Tambem em louco delirio
Julgo-te antiga ruina !
E' a luz do eterno cyrio
Cuja idade não declina ;
Julgo-te em sonhos, o' morte,
Que por pasmar o horizonte
Sobrevivente ao diluvio :
Sem abelhas — tão quieto
Tens a doçura do Hyméto,
Tens as chammas do Vesuvio.

Aqui sentado em teu cume
Posso vêr o sol que nasce ;
De suas ondas o lume
Sinto mais perto da face !
Salve throno vicejante,
Da natureza possante ;
Salve, rei da tempestade !
Tu dás aos mares que arquejam,
Dás as terras que vicejam
Amores, pranto e saudade !

S. Paulo, 1853.

(Publicado nos cits. *Ensaio Litterarios*).



SONETO



Dante, porque tens na bocca austera
 Esse rir contrahido e passageiro ?
 Porque inda luzem chammas qual brazeiro
 Na fronte morta que inda morta impéra ?

Pedes justiça a Deus?—vista severa
 Lanças agora ao fado aventureiro ?
 Choras a patria escrava — tu, guerreiro,
 Ou arte que morreu e altares déra?


Sim — teu retrato ás vezes me parece
 Meigo rasgar o teu sombrio véo;
 Brilha a verdade então, dos astros desce?

Ao mundo que pasmado estremeceu
 Mostraste como á noite a gloria cresce,
 Das trevas fôste a luz, do inferno—ao céo !

S. Paulo, 1853

(Publicado nos cits. *Ensaio Litterarios*).

GATURAMO


 ASSARINHO que os hymnos saudosos
 Descantavas nas abas do monte —
 D'onde houveste esses ais amorosos?
 D'onde houveste? — do céu? — do **horizonte?**

Quem te deu, ó formosa avezinha
 Essas per'las de pranto sentido?
 — Foi das mattas a briza mansinha,
 — Os aromas do bosque florido?

— Foi á sombra da tarde a folhinha,
 Que estremece... farfalha... e cahiu?
 — Foi o echo do val, a fontinha,
 Que murmúra... soluça... e fugiu?

Eu não sei : em teus curtos instantes
 Os mysterios da vida resumes...
 Ai! tu choras nos puros descantes
 Das florestas bebendo os perfumes.

E's poeta, és poeta, bem sabes
 Quanta dôr esta sina contém;
 Emmudece, infeliz, não acabes —
 Entender-te esse canto... ninguem!

E's poeta, só vives um dia,
 Vais morrendo entré notas de amor;
 Sobre as azas de tenue harmonia
 Busca um tum'lo no calix da flôr !

E ao luar, deste berço da luz,
 Quando o mundo dormir socegado,
 — Ergue o canto que as almas seduz
 No perfume da flôr levantado.

S. Paulo, 1853

(Publ. na *Legenda* n. de 1 de Agosto de 1860 e cit. *Lyrical Nacional*).



A FREI FRANCISCO DE MONT' ALVERNE

QUE sombra é esta ? d'onde vem trajando
O prophetico manto do passado ?
Que mysterio do céo vem murmurando ?
De frios ossos n'este chão calcado,
Vem, propheta, dizer qual foi seu fado ?!

Silencio ! traz o esquite luctuoso
Da geração extincta . . . e cahe-lhe o pranto!
Olha em roda de si e no repouso
Estendidos no pó, no campo sancto,
Vêr seus amigos . . não, não póde tanto !..

Seus louros onde estão ? verdejam ainda
Sobre campas á sombra do cypreste . . .
Que palmas bellas ! essa gloria infinda
Não ha frieza que lh'o viço creste ;
A morte as unge, novas galas veste.

Caminha, sim, caminha ! á sombra tua
Quanto cadaver dorme sanctamente !
Não vês a luz do sol, a luz da lua ;

A natureza é morta, a terra ardente,
Mas o silencio falla-te na mente.

Nas trevas do teu claustro solitario,
Na viração da noite gemebunda,
Na plangente canção do campanario,
Da tormenta infernal na voz profunda
Que harmonia de Deus em tudo abunda !

Ergue a fronte ! Na funda escuridade,
Que um mundo novo teu olhar produz,
Vês ao longe o clarão da eternidade,
Divino e sancto amor, eterna luz,
E aqui na terra os braços de uma cruz.

Tudo termina em pó, tudo desaba
Da feia morte, ao sopro horrido e tetro ;
Rei ou mendigo na poeira acaba !
Mas tu não morrerás ! Sombra ou espectro,
Teus um throno no altar, na cruz um sceptro.

Immensa foi a gloria! escripta existe
No livro immenso, que chamou-se historia,
Propheta lidador, sublime e triste
Fez da elegia um hymno de victoria,
Foi seu ultimo adeus, inda é sua gloria !

Ao seu começo igual brilhou seu fim ;
Rei da tribuna dominou, venceu.
Erga-se o sol ou morra, é sempre assim !
Elle, o genio, as grinaldas que colheu,
Pendurou-as no altar e á patria as deu.

Mas eil-o pára !.. A fronte sublimada
Curva, como cansada da batalha :
Busca um leito com vista socegada,
Reza.. e os seus laureis na terra espalha...
Homens, curvae a frente! — é sua mortalha!


S. Paulo, 1857.

(Publ. nas cites. — *Harmonias Brasileiras.*)



A' RODRIGUES DOS SANTOS

I

 SAUDAI-O agora á margem do caminho
 No marco extremo o viajor dormido !
 Saudai-o !—d'este mundo apodrecido,
 Vêde-o buscando a luz do excelso ninho !
 Cedro que o vento derrubou na poeira,
 Tribuno que despiu purp'ra e arminho,
 Soldado que morreu junto á bandeira !

Do vulto gigantesco a sombra agora
 Perdeu-se na infinita escuridade.
 Na ampulheta de Dens—na eternidade
 Não vale o tempo, não se conta uma hora !
 Saudai a estrella que surgiu nos céos,
 O coração que ergueu a liberdade
 Epinicios de amor, louvando a Deus !

No viço do poder — eil-o tombado
 Como o cedro no viso da montanha ;
 Bateu-lhe o coração na dôr tamanha
 E o espirito exultou no céo doirado !

Rico de inspirações no vôo ardente
Nas azas do prazer viram-no alado,
— Inda o mesmo a morrer, inda mais crente !

Oh ! não manchou a tunica brilhante
No feio tremedal—na apostasia !
Não cuspiu a derrota... elle sorria
Vendo a face do sol no gyro ovante !
Não foi dos entes vis, que em praça impura
Vendeu a alma á fortuna triumphante.
E perjuram ao pé da sepultura !

Elle não ! — a bandeira immaculada,
Guardou-a inteira no fervor da fé ;
Na beira do sepulchro—a mesma — em pé
Santa como ondeou—lá está cravada !
Grande no povo no fulgor da crença,
Deixou de chofre a terrenal morada
E banhou-se feliz na luz immensa !

II

Maldicto o ser desgraçado
Que do altar quebrou a imagem,
Que seu preito de homenagem
Viu por preço vil comprado !

Maldicto !—fique a lembrança
 Como o symb'lo do peccado
 No Calvario da esperança !

A estatua núa e sem côr
 Ergam sobre um mausoléu ;
 O braço que não tremeu,
 Trema agora de terror !
 Seja ahi que o mundo opponha,
 Emblema triste da dôr
 Na solidão da vergonha !

Lá nas fundas sepulturas
 Os ossos hão de ranger ;
 Ha-de a caveira dizer
 D'aquellas sombras escuras :
 — Judas, Judas, não te visto,
 Vai teus serviços vender,
 Tu que já vendeste á Christo !

Soldado da liberdade
 Beijaste humilde a poeira,
 Não renegaste a bandeira
 Nas horas da tempestade !
 Viste os braços de uma cruz
 E ás portas da eternidade
 Inda avistaste essa luz !

Não fôste, pobre mendigo,
Catando as flôres da estrada—
Mostrar a mão rechêada
Pelos campos do inimigo ;
Fechando o livro da historia,
Os puros louros do amigo
Atar ao Deus da victoria.

Sentinella no teu posto
Tiveste o mesmo lugar,
— Nos degráos do mesmo altar,
— Do mesmo leito no encosto ;
Hoje conservas no chão
A mesma luz de teu rosto,
A mesma fé da feição.

No seio do teu partido
Pregador do povo-rei,
Os mandamentos da lei
Soaram no labio ungido !
Oh ! dos teus na luta immensa,
Levaste, nobre vencido,
O sentir, a idéa, a crença !

III

Quantas vezes sincera a voz chorosa
 Soltou os tristes psalmos da desgraça ?!
 Quantas vezes da dôr na amarga taça
 Viu o pranto ferver n'alma anciosa ?!
 Ai! que valem, meu Deus, pobres sorrisos ?!
 Cresce do abysmo á borda a flôr mimosa,
 Si a lagrima não cahe, choram os risos!

No tropel das paixões, que os homens leva,
 Tranquilla a face é masc'ra que mata;
 Vasando flôres a fortuna ingrata
 No meio do festim as furias ceva!
 A noite surge! lá descamba o astro,
 E a tempestade que no ar se eleva
 Deixa-o morrer, si não lhe apaga o rastro.

Gloria! que vales tu?—prantos á flux;
 Ergues junto da forza um Capitolio,
 Ao pé do cadafalso um rico solio
 E em teus salões o pedestal da cruz!
 Tens o aroma da flôr, da flôr o espinho,
 Em teu seio o clarão da trega luz
 E em teus jardins os cardos do caminho!

IV

Eil-o tão mudo ali !—voltou de novo
 Ao pó d'onde sahiu—junto ao cypreste !
 Morto como viveu—honras não veste,
 Dorme como nasceu—homem do povo !
 Ha grandezas ahi... saudai a cruz !
 Surge sempre da campa algum renovo,
 --- Do sangue a vida, do supplicio a luz !

Da terrestre prisão quebrando os laços,
 Poiso foi procurar na eternidade,
 Como no turbilhão da tempestade
 Doideja a aguia perdida nos espaços !...
 Viu dos livres o sol... viu o clarão
 Da providencia além abriu seos braços,
 Grande n'alma, fiel no coração !

Saudai-o !—da tribuna o heroico vulto
 Baixou c'roado aos angulos d'uma campa ;
 Ao sol grandioso que no mar se estampa
 Novos preitos rendei, rendei-lhe culto !
 Saudai o lidador sobre a poeira...
 Vingue-se a gloria do terrestre insulto,
 Cubra-lhe a campa a liberal bandeira !

S. Paulo, 1858.

(Publicado na *Legenda*, S. Paulo, 1860).

Que importa ?

PÓDES sorrir-te embora ! As flôres murçam,
 Mas não morre o perfume sobre o chão !
 Que importa o riso sobre o labio ingrato,
 Se ainda, mulher, te bate o coração ? !

Fada orgulhosa nos salões brilhantes
 Vagas sem tino, no dansar louquejas ;
 E as pennas brancas da plumagem alva
 Cahiram todas : — n'um paúl doidejas !

Vale acaso essa vida de delirio,
 Aquelles sonhos de paixão fervente,
 Os quentes beijos, os abraços ternos,
 E o céo tranquillo sobre a terra ardente ? !

Ai que louca tu fôste — as nossas festas
 Tinham por luzes os clarões da lua ;
 Aiuda hoje ás vezes, — solitaria e bella,
 Tua imagem triste no luar fluctúa !

Não chorarei... oh não !... — mas quando um dia
Emmudecer o som da louca festa,
Essa historia de gozos infinitos
Hão de contar-te as brizas da floresta !

Teu pranto em fio pelas faces murchas
Ha de ser minha unica vingança ;
Serás a estatua muda da saudade
No sepulchro deserto da esperança !...

Embalde o tentas,.. minha imagem sempre
Como um remorso surgirá perdida !
Eu sou tua sombra, — seguirei teu corpo !
Eu sou tua alma — seguirei tua vida !

(Publicado na *Bibliotheca Brasileira* de Q. Bocayuva. — Rio de Janeiro 1862 — 1º livro sob o titulo « *Lyrical Nacional* »).



ARVORE SECCA

SIM ;— os tufões da noite te despiram !

O inverno as folhas tuas requeimou ;
Erguida e só no topo da montanha
E's a imagem do tempo que passou.

Hontem altiva os ramos ostentavas,
Hoje curvada estás, pobre infeliz!
Quem vê-te assim, princeza desthronada,
Alça uma prece a Deus e baixo a diz.

Cada galho dos teus sabe uma historia,
Tambem a sabe o tronco escodeado,
Como os ossos do morto, a cruz das campas.
E as ruinas do tempo derrocado.

Ao som da tempestade entre gemidos
Os furacões nocturnos te adoraram ;
E's qual mulher que o gozo consumira
Ou magoas para a terra debruçaram?

Do monte a grimpa te servio de solio
Rendeu-te o sol um preto de homenagem,
Terás por leito o val—e o viajante
Hade buscar em vão tua ramagem.

Quando te vejo assim, penso que sonhas,
Penso que tens um'alma, um coração,
Que sentes como eu sinto, que estremeçam
Tuas raízes no fundo deste chão!

Eras vistosa e de folhada cópa
E hoje... arvore secca e descarnada!
Quem sabe si amanhã dobrando a fronte
Tombarás por um raio fulminada!

Tambem da vida as folhas me cahiram
E já talhei tão moço o meu sudario!
Eu dormirei na valla dos cadaveres,
Tu, no cimo do monte solitario!

(Publ. á pag. 41 da cit. *Lyrical*—em 1862).



Primus Inter Pares

A' Arthur Silveira da Motta

I

FÔSTE o primeiro—sim! Do teu navio
 Abriu caminho a lucida carreira;
 Se te—esqueceram pouco importa! A gloria
 Brilha ainda mais si a lembrão derradeira!

Fôste o primeiro! A' testa da columna
 Junto ás correntes te sorriam magoas!
 Que bella morte assim?!—Mortalha o fumo.
 Sacerdote o canhão, sepulchro as agoas!

Chuviscam bombas mil, as peças uivam!
 E o abysmo entôa o cantico agoureiro...
 Incendeia-se o ar, ao céo une-se a terra;
 Brazeiro é o rio, arde o horizonte inteiro!

Mas tu fôste o primeiro! Altivo, rindo
 De fogo e fumo á horrivel tempestade,
 Disseste á morte—passaremos juntos!
 Disseste á gloria—ali é a eternidade!

E passaste!... Na pôpa do navio
A fortuna prendeste em bronzeo anel!
Rei do torpedo—foi-te sceptro a espada,
Throno o convéz e polvora o docel...!

II

Quando ao través da rubra labareda
O ferreo monstro saccudiu as patas,
Surgiu-te lindo um toldo de vapores—
Teu ninho d'agua—a serra das cascatas!

A cadeia fundiu-se; na voragem
Prizioneiro o torpedo estremecia,
Gemeu humilde a bala, o obuz cantava,
Era orchestra festiva—a artilharia!

Que scena immensa! cupolas de fumo
Os horizontes a tremer de luz...
O soalho das aguas côr de sangue...
E, lá no alto, os braços de uma cruz!...

A cruz do sacrificio, a cruz da patria,
— Honra e martyrio — amor e redempção!
A noite, os ares, o ruido, o tempo,
— Tudo fallou daquella solidão!...

III

Fôste o primeiro — sim! Ali teu vulto
A muralha de ferro ergueu fremente!
Já não tarda o porvir; as trevas fogem!
Serás entre os barões—barão da frente!

Barão da frente... é o grito da justiça,
Ha de sel-o também da historia um dia!
Repetem-no, ao sussurro da tormenta,
O som do mar e a voz da ventania!

Vem de cima o murmurio... sobre as ondas
Quê a grandeza de Deus brilha sem véo!
Eis surge o infinito, a terra some-se
A estrella beija o mar, a espuma o céu.

IV

Quando a fileira negra de elephantes
De elephantes do mar, correm bufando,
Viu-se nas margens da barranca sombras,
Entre o arvoredado tremulas passando!

Ali 'stava *Silveira*, o grande martyr...
Ali *Mariz*, a heroica esperança...
Ali sorrindo alegre o *Lima Barros*,
Alma gigante em corpo de criança!...

Escapo do naufragio — manobrava
Vital, o nobre, o heroico marinheiro,
Na titanica luta inda bramiam
Os leões mortos no fatal Esteiro !

Como em chusmas dos pantanos se viam
Sangrentos vultos resurgir aos mil...
Este rufa o tambor, aquelle marcha,
Um dispara o canhão, outro o fuzil...

Cavalleiros de pé, a lança em punho
— Voam montados n'aza da metralha !
Sorri-se a morte e os rabidos ginetes
Rincham, medindo a estrada da batalha !

Membros esparsos, corpos mutilados...
O sangue a espadanar na lama impura...
Grita infernal em dansa de demonios...
Rubido lago em vasta sepultura!...

Quando a fileira negra de elephantes,
De elephantes do mar, passou... passou...
Ouvio-se ao longe um brado de victoria
Entre a nuvem de luz que rebentou !

V

Todos fôram heróes,.. Do patrio abraço
Heroismo e dever irmãos nasceram !
Mas tu fôste o primeiro... á tua chegada
As cadeias do rio se esconderam !

Guia da morte audaz, ergueste a lousa,
Fôste a campa medir, marcaste uma hora...
E entre a borrasca chammejante ouviu-se
O tremendo signal — passai agora !

E passaram... heróes ! Mil vezes salve,
Aguias de luz, em vôo á eternidade !
Alma do povo-rei, braço da gloria.
O' coração da patria, o' mocidade !

1868.

(Publicado no *Diario do Povo* n. de 13 de Setembro de 1868).



O RE@IVIVO

DORME o batalhador!... por que choral-o?
 Armas em funeral—silencio, ó bravos!
 Que a dôr não o desperte!
 Tão só... tão grande... sobre a terra inerte!
 A patria além... partido o coração...
 Saudade immensa e immensa solidão!...

Não o despertem!—elle dorme agora
 Embalado nos braços da metralha,
 Ao trom da artilharia:
 Por lençol—a bandeira : em terra fria
 Tem por leito—os trophéos; por travesseiro
 Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu—a espada em punho!—
 A imaginar, sonhando, ouvir no espaço
 O clarim da investida!
 Á cabeceira—a morte agradecida;
 —Aos pés—a gloria; e ao lado ajoelhada
 —A patria, pobre mãi desventurada!

Segura as redeas do corsel sem dono
Formosura sinistra—olhar infindo! —

É a deusa da guerra!

Mede os espaços, os confins da terra...

Quer despertal-o... treme... o passo é incerto...

Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana

Homericas visões lhe appareceram!

Olhou fito o seu norte...

Eu sou a eternidade—disse á morte,

Do meu ginete o pé a terra abala,

Quando eu caminho—a viração nem falla.

E que eternas visões!—na marcha ousada,

Para saudal-o os mortos levantavam-se,

Tocavam as cornetas,

As peças disparavam nas carretas,

E, ao cabo do caminho, a doce paz

Lhe preparava os arcos triumphaes!

Elle via, qual mar tempestuoso,

Ondas revoltas, umas após outras,

Da audaz cavallaria

As cargas, que a victoria presidia;

E, salvando a galope a immensidade,

Dizia á morte :—eu sou a eternidade!

As montanhas se abatem, quando eu passo ;
O rio inclina o dorso e me saúda,
 Se me apeio em caminho !
O meu cavallo é aguia, o céu é ninho ;
A fome, a peste, a chuva, em véos de fumo,
São meus soldados, guiam-me no rumo !

E que eternas visões — em vale immenso
A narina incendiada, o peito arfando,
 O ginete parava !
Eis a voragem!... lá no fundo a lava
Que entornam os vulcões da artilharia,
E um exercito de mortos, que se erguia !

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos..
Um estalar dê ossos... ais... mil pragas...
 Uma orchestra infernal!
N'um mar de sangue e sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rotas... retintim de espadas !

Um trovejar sem fim... um largo incendio.-
Mas elle á frente, no corcel fitando
 O infinito — seu norte,
Dizia á eternidade : eu sou a morte,
Meu cavallo é o destino, o céu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha !

Ao vêr-me, tremulante as palmas dobra
 A palmeira; estreitam-se os banhados;
 O arroyo nem transborda;
 No firmamento azul o sol acorda!
 Quem é, pergunta a noite á ventania,
 Este archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei, exclama o vento;
 E' o espectro do sol, affirma a estrella;
 Das aguas o senhor,
 Murmura o rio um cantico de amor;
 E a tempestade diz: meu cavalleiro,
 Tens por corcel as azas do pampeiro!

... ..

E corre e corre... ao cabo da carreira
 Immenso boqueirão... fosso sem bordas...
 Tranca-lhe o espaço a cruz!
 Em baixo a densa treva!... o cimo é luz!
 Basta, lhe brada a voz da immensidade,
 A morte foi teu guia á eternidade!

.. ..

Armas em continencia — ! é um morto vivo !
 Eil-o que passa agora, erguido ao alto
 No esquite da victoria !
 O Brazil o saúda, e tu, Historia,
 Um poema de luz de novo escreves !
 Soldados, cortejae ANDRADE NEVES !



Publicado em 1869 no *Ypiranga*, de S. Paulo, que em seu n. 257 de 9 de Julho do mesmo anno, escreveu as seguintes linhas: « *O Redivivo*.—A' biographia do barão do Triumpbo publicada recentemente em opusculos, addicionou o seu illustre autor, o Sr. Dr. Homem de Mello, a primorosa poesia *O Redivivo*, que ha mezes sahio nesta folha e que tem sido transcripta em quasi todas as provincias do Imperio, e tendo assim o successo de que era altamente merecedora.

« O distincto biographo de Andrade Neves escreveu como introduccão á poesia as seguintes palavras :

« Deus confiou dos poetas o verbo das nacionalidades e o intimo segredo do sentimento popular, para cantarem seus heróes e sagrarem seus nomes no templo da immortalidade. Logo após a morte de A. Neves apparecem em S. Paulo a poesia—*O Redivivo*. O canto inspirado passou de labio em labio, ruimorejando em toda a extensão da patria, como echo de todos os corações.

« Quem primeiro desprendeu aos espaços essa harmonia grandiosa que ora murmurava a natureza, commovendo a nação inteira ante o spectaculo novo que a mesma conteinplava, cheia de asombro ?

« Ao lado do grande nome de Andrade Neves, a posteridade repetirá o nome do poeta, que lhe cantou as glorias: José Bonifacio. »

A' margem da corrente

A Castro Alves

Companheiro ! Uma cruz na selva corta—
E planta-a no meu monumento.

(*Castro Alves*)



Louvi-o cantar... o sabiá poisava
Da lorangeira em flôr no verde galho

A' margem da corrente !

E que doce gorgeio! a manso e manso
Em murmuro ruido as aguas tepidas
Deslisavam sorrindo ; e na carreira,
A prateada esteira coleando

Pelo formoso valle,

No fremito das auras, no sussurro
Das folhas seccas, no cicio brando
Do remexer das flores—parecia
Os hymnos matinaes ouvil-o em extasis
Gemer, gemer com elle !

E o sabiá cantava! — a endêcha triste,
Da veia crystallina ao som tremente,
Expandia-se ao longe... e as doces notas,
— Solução indefinivel,

Perdiam-se no ar, como o respiro
Das mattas virgens em manhãs serenas,
Quando na excelsa coma a flôr e as folhas
Tremem, sentindo em lagrimas de orvalho
 Da madrugada os beijos!...
Vinha surgindo a aurora!... o firmamento,
Em mar de azul as ardentias d'oiro
 Ondulava contente!...

Tingindo alegre os largos horizontes
De suave carmim—a luz brotava...
E o sol, o rei altivo do oriente
Virando o carro dos corseis de fogo
 Em purpureos cochins,
A laureada fronte reclinava
 Medindo o espaço infindo!

 E o sabiá cantava
 Na lorangeira em flôr!
Vagos rumores do cahir das folhas;
Mysteriosos sons; brando estalido
Das ramas a quebrar; frescôr das relvas;
Suaves pios; bater macio d'azas—
Das aves, voejando; écos longinquos
Da recatada selva!... a natureza,
Abrindo os olhos humidos de pranto,

Nas pompas de seu leito
 Meiga sorria aos canticos festivos
 Do despertar do somno !

E a luz subia... e o sabiá cantava
 A' margem da corrente !
 Dizia á borboleta : — eu dou-te os vôos ;
 A's folhas verdes — aqui tens frescura ;
 A' flôr dos bosques — eis o meu perfume ;
 Eu sou teu écho — á sonora gruta ;
 Sou teu espelho — á limpida corrente ;
 Os anilados céos — guarda teu ninho ;

O sol — vem procurar-me !

E a flôr, a borboleta, e a folha verde,
 E a torrente e o sol, e o céu e a gruta,
 Eram d'ave inspirada — a immensa orchestra
 No concerto de amores !...

E o sabiá cantava !...

Na lorangeira o galho estremecia,
 Como se o orvalho lhe afogasse as flôres,
 Ou aquella voz nas dullias harmoniosas

A raiz lhe tocasse !

Depois eu vi-o, as pennas sacudindo,

Ainda humedecidas

De sereno e de luz, cantando — sempre —

Bater, bater as azas anciosas...

Voar... voar... até sumir-se ao longe

Ultimo som e nota !

Da laranjeira as folhas desfolhadas
 No vivo aroma o derradeiro leito
 Cercavam-lhe de incenso....
 E a brancura purissima fingia
 Dos cantos matinaes a nivea campã !...
 Ouvi... ouvi ternissima
 A extrema nota repetida ainda,
 — Echo saudoso das canções d'outr'ora
 Nas gemebundas auras !...
 E veio a noite—e na manhã seguinte
 Novo sol, nova luz,
 Só não voltára o sabiá das mattas,
 E o galho era uma cruz !

—

Dorme, dorme feliz !—oh não despertes
 A' margem da corrente !
 Dorme, ó criança, ao resomnar das brisas ;
 Filho da luz, descansa!— Atravessaste
 Entre o sepulchro e o berço a terra ingrata
 Mais feliz do que nós...
 Não sentirás neste areal deserto
 — Na morte d'alma—a vida
 — No vivo coração tua propria tumba!...
 Não has de vêr as lagrimas estanques
 — Supplicio da saudade,
 E á cada hora uma illusão que vai-se,
 Para não mais voltar... oh ! nunca... nunca !

Nem pedirás a inspiração de um sonho
A um punhado de terra !
Dorme, criança, dorme ! os que ficaram
— A' sombra do caminho
Por entre os laranjaes sentem chorando
O aroma de teus cantos !
Fôste do sonho á morte... oh ! dorme, dorme !
Talvez sonhes ainda !



Public. na *Republica* de 18 de Abril de 1872 com as seguintes
palavras :

« *José Bonifacio e Castro Alves.* — Quando o moço que teve o segundo destes nomes foi a S. Paulo cursar as aulas de direito, encontrou como mestre e amigo, rival e admirador aquelle primeiro orador do seu tempo, modelo de honestidade civica e de honradez.

« Felizes os que naquella terra de tantas tradições ouviram em uma mesma sala, em uma mesma festa, aquelle orador e aquelle poeta !

« Além do encanto sentia-se a gente feliz de ser desta America e de contemplar os dous astros. E quando os dous cessavam, erguiam-se outros talentos admiraveis, Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros. Destas festas só S. Paulo pôde, nestes dias de materialismo, ser o teatro.

« Felizes, pois, os que ouviram os dous homens de talento, felizes porque é muito de crer que o primeiro, despojado da tribuna, enjado das misérias do constitucionalismo, morto nas suas ambições e nas suas esperanças, jamais voltará ás lutas da tribuna, onde flamejava-lhe o talento e onde elle ficou bello como Moysés devêra ter ficado no alto do Sinai.

... ..

«Quanto ao pobre Castro Alves, mais feliz talvez, deitou-se para sempre e sonha os sonhos da sua vida.

«Feliz! A patria na figura da *Mãe Dolorosa* vela em seu tumulo, e a poesia, amante Magdalena, o pranteia.

«Ferido pela morte de Castro Alves, José Bonifacio aproximou-se á tumba gloriosa, onde elle dorme, o poeta da Republica, e disse-lhe o ultimo adeus.

«Sentido até á lagrima, tocante como a prece damol-o á apreciação dos leitores.

«E' mais um toque revelador do talento esplendido de José Bonifacio.

«O Castro, o pobre Castro, o audaz cantor de *Pedro Ivo*, certo merecia um cantor destes. »

AO CONDE DE PORTO-ALEGRE

ULTIMO SONHO

CIL-O prostrado já! cahio ao peso
Dos grandes louros de uma grande vida!

Alta a fronte nos astros escondeu...

E as azas luminosas

Rompendo os horizontes

Das terras desditosas,

Aguaia que busca o tope das montanhas

Excelso pouso foi buscar no céu!...

Hoje é seu ninho o sol!—Do leito ardente

Avista ousado o gyro dos planetas!

Deos sorri-lhe na vasta e immensa altura...

A espada é diadema,

A grinalda de louros

Radiação suprema...

A luz é o dia; a eternidade o tempo...

Eterna é a gloria, eterna a formosura.

Não foi de guerra o sonho derradeiro!...

Gritos de morte... rufos de tambores...

Perdidos estilhaços de granada...

Da artilharia o fumo
 Toldando os densos ares,
 Nas espiraes sem rumo...
 Rotas bandeiras, mutilados corpos...
 Não vio... rompia a grande madrugada...

Ficavam longe as horridas batalhas
 De homericos gigantes—nos esteiros...
 Nas lagôas... nos tectricos palmares...
 Nas crespas serranias...
 Na clareira dos bosques...
 Nas veredas sombrias...
 Estrophe é o vento, a tempestade um hymno,
 Uma epopéa á vastidão dos mares.

Divisava-se além o lar e a patria,
 —Visões longinquas na extensão das agoas...
 E a magra peste, e a fome, e a dôr ao perto!
 Dos herculineos braços
 Nas titanicas pugnas,
 Que esplendidos abraços?!
 Oh rio! oh selva! Oh! monte! e além das serras...
 Oh fauces dilatadas do deserto!...

Não era a Grecia!... e alli fulgura a tenda
 Do novo Achilles... pegada de fogo,
 Talvez desflore a terra á luz da lua!...

Aladas legiões
 Erguendo em Tuyuty,
 Phantasticos bastiões

Abrem alas... as nuvens são bandeiras...
 Ha clarins pelo ar... é a sombra tua!...

Rende-te, diz a morte, eu sou rainha,
 E' meu sceptro a caveira, o throno a ossada !
 Vôa e revive ainda, exclama a gloria,
 No assento de baptismo
 Eu escrevi teu nome
 —Intrepido heroismo !

Faltava-te um combate derradeiro ;
 Agora o tens—é a ultima victoria!

Vivo esplendor da grande madrugada
 Como és sublime aos pés das fronteiras divas ? !
 O silencio tem voz, échos a dôr,
 Quasi estremece a Cruz ;
 Das mudas sepulturas
 Rebenta a extrema luz ;
 O povo é sacerdote, o tumulo berço
 E a morte... a morte... um cantico de amor !

Não foi de guerra o derradeiro sonho !
 Outra bandeira—o lábaro dos livres
 Fluctuava nas sombras...—quanto escravo
 Não sonhou junto d'ella ?!
 E pobre, e velha, e rôta,
 Meu Deus, como era bella ?!

Quando abriam-se as dobras do estandarte,
 A natureza inteira dava um bravo !

Homens ! gritava o monte, eu sou tão alto !
 Dizia o sol—olhai a matta virgem !
 O firmamento abria um pavilhão
 De ricas pedrarias !
 Bradava o mar em furia :
 —Abaixo as penedias !
 E o Amazonas : oh ! rei, banha essa frente,
 A pororoca é a voz da criação !

A flôr, o ninho, a fruta, o orvalho, a folha,
 O campo, a serra, o valle, o monte, o rio,
 São musicos da orchestra sublimada !
 Cantor é o sabiá !
 Da cathedral das selvas
 Do rei—Jequitibá !—
 C'um filete de luz no infindo espaço
 Deus escreveu—ou liberdade ou nada !

Não foi de guerra o sonho! Talvez tinhas
Como o propheta a sêde do infinito!
Ia fugindo o mundo aos olhos teus...

Largos clarões sem termos...
Ilhas de azul dourado,
Pelos ethereos ermos

Vinham surgindo...—e a alma sequiosa
Inda captiva procurava os céos!

E voaste!... que vôo gigantesco!—
Em busca de outra patria! o sonho immenso
Vai terminar... amanheceu agora!

Da eternidade ás portas,
Festejam-te a chegada
As gerações já mortas!

E' dia—a noite enrola o véo de trevas,
Eis da immortalidade, eis bate a hora!

Não foi de guerra o sonho! o desenlace
Tua alma heroica encheu de amor divino!

Viste os raios da grande claridade,

E por suprema lei
Imperador e pobre
—Feito mendigo o rei!

Foi soberba a visão! era o cruzeiro
E aos pés da Cruz a eterna liberdade!

O CORNETA DA MORTE

TOCA, toca, avança, avança !
 São horas de combater ;
 São horas, ninguém descansa,
 — Ninguém... vencer ou morrer !
 Por toda a parte a peleja,
 Feia, convulsa, doudeja,
 Sinistro o clarão seduz !
 Mais se enovela a batalha,
 Mais turvelinha e se espalha,
 Toma a corneta, Jesus *

Jesus — é o nome de um negro, corneta do corpo n. 42 de voluntarios paulistas, que morreu na guerra do Paraguay.

E' de uma testemunha ocular: tendo fracturado os braços, um após outro, e crivado de balas, expirou no campo da batalha, á frente do batalhão, tocando a *avançar*.

Publ. a *Provincia de S. Paulo* em seu numero de 26 de Setembro de 1875 escreveu :

« Damos hoje em folhetim, uma bella poesia, uma legenda heroica, fragmento brilhante da epopéa de patriotismo que é a historia dos nossos soldados na ultima guerra que sustentámos. Já disse um critico de Victor Hugo que era a guerra a musa predilecta daquelle genio portentoso. Sabe-se igualmente que poderosa inspiração tem sido ella para o admiravel talento poetico que produziu o *Corneta da morte* ! — O cantor de Andrade Neves e Porto Alegre encontrou na lyra patriótica bellissimos e inspirados acordes para celebrar a gloria do heroico soldado negro.»

Que terriveis estampidos ? !
Estronda a fuzilaria ;
Ouvem-se ao longe os bramidos
Que vomita a artilharia ;
Jesus, depressa a corneta !
Tu és da morte a vedêta,
E dás o grande signal !
Em torno dessa bandeira
Tiras a luz da poeira,
Fazes do tope um phanal.

Cresce o fumo... augmenta... augmenta,
Tolda-se tudo no ar ;
Retine o gladio e a tormenta
De fogo e fumo a estrondar !...
Corneta da minha terra,
Chammeja o facho da guerra,
Rebentam jorros de luz...
Altivo berra o canhão...
Zune a bala, é sangue o chão,
Toca a investida, Jesus !

Nascido humilde — no seio
Arde-te acceso um vulcão;
Filho do povo — no aneio
Que popular coração ! ?
Como pulsa bronzeo e invicto

Na muralha de granito,
 Que a mão de Deus fabricou !
 Jesus— accende-se a lucta,
 Prêsas a morte disputa.
 Jesus, teu braço voou !

Pouco importa ! avante, avante !...
 Creoulo d'alma viril,
 Pygmeu, faz-te gigante,
 Tu és filho do Brazil !
 Oh toca, toca a investida !
 Sobre a hoste embravecida,
 Jesus, um passo, inda um passo !
 Ha gritos, pragas e ais !
 Sóbe o horror cada vez mais...
 E lá se foi outro braço !...

Nasceste, filho do povo,
 No berço da natureza !
 Da raça de um mundo novo,
 Tu fundaste a realeza!
 Teus pobres braços cortados
 Por esse espaço espalhados
 Mudos supplicam: saudade
 Leva-me ás patrias areias
 Quero quebrar as cadeias,
 Patria, patria, liberdade !...

Teu sangue é tinta que dura
Que não se apaga, Jesus :
Fel-o o Christo na amargura
Antes de expirar na Cruz !
Aquelle suor em gottas
Pelas tuas veias rôtas
Talvez gotteja tambem !
Tens um horto — o dos escravos,
Tens um calvario — o dos bravos...
Irás ao céo — inda bem !

Em ti resurge a tua raça,
Em ti morre a escravidão !
A treva já se adelgaça,
Principia a redempção !
Moysés da raça infeliz,
Tu chegarás, Deus o quiz,
Ao fim do immenso deserto !
Achatam-se os horizontes...
Eis as verduras... as fontes...
Já vêm chegando, estão perto !

Teu nome, sacro evangelho,
Morte e gloria — vão sellar !
Oh remoça o mundo velho,
Toca, Jesus, sem parar !
Borbota o sangue em tua bocca...

Pouco importa... toca... toca...
 São as ancias da agonia...
 Desmaiaste — ultima hora !...
 Escravo — desponta a aurora !
 Patria do Sol — eis o dia !...

Teu berço d'ouro esmaltado,
 Corneta da minha terra,
 Teve um grande cortinado
 — Os nevoeiros da serra !
 Nas folhas da trepadeira,
 Ao canto da cachoeira,
 Tremia o berço no ar !
 Que tropical formosura !...
 — Foi tua mãe a noite escura
 Quando o sol beijava o mar !

Como são brancas, tão brancas
 As flôres do algodoeiro !
 Que musgo pelas barrancas,
 Que estalos no palmitreiro !
 Brota o astro e brota a planta,
 Tudo sorri, tudo canta,
 Terra e mar e passarinhos !
 O sol tem ondas azues,
 As ondas — frocos de luz ;
 A luz — dourados arminhos !

Ao peso das bagas ruge,
 Ruge... ruge... o cafezal;
 Desce a tarde, o gado muge
 Para as bandas do curral...
 Pelas *tapéras* desertas
 Piam as aves... despertas
 Vagam as sombas... que magoas?!
 Chorai, saudades, nas fontes,
 Pelas varzeas, pelos montes,
 Na matta, nos céos nas agoas!

Que terra a nossa tamanha?!
 Que nobres recordações!?
 Salta o genio da montanha...
 O sólo tem vibrações!
 Oh! poemas sem iguaes!
 Oh! tradições divinaes!...
 Oh! eterna mocidade!
 Aqui, Jesus, reza o crente,
 Primeiro altar resplendente
 — Aqui teve a liberdade!

Devias ser grande — a ara
 Alli vês — tem um destino!
 Alli a turba ignára
 Talvez tenha um Aventino!
 As esperanças em bando,

Como pombas revoando,
Rompem o denso vapor!
Jesus tua alma espalhou-se,
Pelos campos derramou-se,
Ave e brisa, aroma e flôr !

Morres grande entre os gigantes,
Limpo, limpo de braços,
Pequenino como d'antes,
Ao retumbar dos canhões !...
Silencio... ninguem responde...
Não te fizeram visconde,
Não tens um titulo ou medalha ;
Mas ainda ao som da corneta
Dansa á noite a baioneta
Pelos campos de batalha !

Tua gloria vaga no ar
E' quasi um sagrado mytho ;
O marmore póde quebrar,
Não dura sempre o granito,
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tumulo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome—Jesus !

A' CAMÕES

ENTRE dous sonhos — lida mal sonhada —
De phantasias mil a phantasia
Viveu, como su'alma desvivia
De seus fundos cuidados mal cuidada.

Em lembrança da patria deslembrada
A gloria sua a gloria della erguia ;
Escura noite lhe surgira o dia
Na viva luz da formosura amada.


Partido o coração, a alma partida
Naquelles sonhos, vasta immensidade,
Era-lhe a vida morte, e a morte vida !

Hoje renasce na immortal saudade :
Tem nos versos a patria aos céos erguida,
E o seu amor n'um templo — a eternidade.

Public. á pag. 414 da *Revista Brasileira* de 10 de Junho de 1880.—*Homenagem a Luiz de Camões*



SONETO


 ar de santa, uma presença honesta,
 Um recatado olhar que enfeitiçava,
 Uma falla que a gente procurava
 Quasi receio e ao mesmo tempo festa ;

 Uma doçura d'alma tão modesta,
 Um sorriso a fugir mal despontava,
 Um não sei que do céu, que Deus mandava,
 E que aos anjos da terra amor empresta ;

 Uns sustos infantis, um quasi mêdo
 Do mundo que a cercava, e socegada
 De crença viva um magico segredo,

 Tudo que a mente crê abençoada
 E a phantasia pinta... oh ! foi tão cêdo
 Vaidade, ou sonho, ou pó, ou cinza ou nada !...



O BARÃO E O SEU CAVALLO (*)

CANTO I

O delirio

DONDE vens, Ignacinho, a horas mortas,
No meio de tigelas e comportas,
Com uma vela na mão, cheio de empolas
Montado n'uma restea de cebolas ?
Onde foste buscar a enorme gorra,
O chapéo com feitio de pichorra ?
Tu sonhas... tu deliras... que venturas ! ?
Foste acaso no Braz comprar verduras ?

Não, Ignacio Pindoba, és grande e forte !
Comes confeitos, capataz da morte ;
Morcego de fardão e berimbáo,
E's capaz de engolir carvão e páo !

(*) Publicado como folhetim do *Ypiranga* — 18 de Outubro de 1868, etc.

Donde vens? Donde vens? Das terras Sargas,
 Não póde ser que vens de calças pardas!
 Ei-lo murmura triste com voz afflicta:
 Não me deixam comer banana frita,

Sem sapatos, de meias de canhamo
 Traz na dextra gentil um verde ramo,
 E' como Ulysses procurando a Italia
 Sem ter sciencia de que foi a Gallia...
 As crianças assustam-se nas ruas
 Por ver o Guimarães de costas nuas,
 E delle as rondas quasi deram cabo,
Vendo um cão a latir de lata ao rabo.

Ei-lo que chega á porta da policia,
 E assentou-se no chão! a tribunicia,
 Loquela ardente, magistral viveiro,
 Quiz soltar, mas cahiu sobre o terreiro!
 Deu um passo, ei-lo entrando o corredor...
 Solta um grito infernal: que dôr, que dôr?!

Galga os degráos, as portas arrebenta,
 Torce um pé, machuca a esquerda venta,
 Espirra sem querer, procura um banco,
 Pede pão com manteiga e vinho branco...
 « Tragam, tragam-me já o meu cigarro,
 « Tragam depressa que senão escarro! »

E ao som do bandolim
 Com harmonias suaves
Cantou sozinho um cantico sem fim...
Tinha perdido dos bahús as chaves !

Era um discurso singelo
 Um doce canto amarello ;
 O hymno da creação
 No terremoto da guerra :
 A cachoeira da serra
 Na villa da Conceição ;
 Aquelle brado terrível
 Do almirante Balão,
 Manifesto quasi ao nível
 Da circular do Itaúna ;
 A viração da Pavuna
 Nos cedros da Palestina
 O brado dos protestantes
 A revolver as estantes
 Dos frades no seminario ;
 O remexer da bonina
 Na lagoa do Bexiga :
 Enorme dôr de barriga
 Da eloquencia em delirio...
 E assim fallou do martyrio
Sacando da algibeira um grão rosario
Ignacio Heinecio Hermogenes Irnario :

« Eu não quero comer rojões em brasa,
 Nem ver mosquitos a mudar de casa :
 Tenho mais que fazer, batata ingleza
 Nunca chupei á ceia ou sobremesa !
 Confeitos de papel são cousa boa,
 Mas eu sempre gostei de rosca ou brôa...
 A lua, o sol, a terra debruçada,
 Mariposas, canções, a cangicada,
 Pernilongos, a gente do *Diario*
 Na pharmacia de pé um boticario,
 O presidente, o Telles, provisórios,
 O Macedo a gritar—meus suspensorios...
 O theatro vasio...a orchestra... a sala...
 O Rodrigo passeando de bengala ;
 N'um vaso do Japão uma traira,
 A nivea face de um feroz caipira ;
 Tres pelles de tambor, um frango morto,
 Meu cunhado ajudante, o Cunha Porto ;
 A Bahia, o tridente de Neptuno,
 O mar em que eu navego e a vela enfuno ;
 De Taubaté o padre Bento Souza,
 Roma e Turim, e do sepulchro a lousa ;
 O barão no *Te-Deum* ; uma araponga,
 Na varzea do Pary canôa longa ;

Chicaquinhas, um golo do congonha,
Que não sabe tomar quem tem vergonha ;
Uma regua, o clarim dos permanentes,
N'uma salva de prata, queixo ou dentes ;
Catastrophes, horror, sangue, manteiga
Por causa de um sorriso em face meiga ;
As eleições, a guarda nacional,
A fazer exercicio de avental ;
Prompto o capitãozinho, c'uma embira
Amarrando o Escobar sobre um pequeira ;
O presidente em mangas de camisa ;
Para vestir-se em busca de uma nisa ;
O Duarte montado na janella,
C'um pé descalso e outro de chinella ;
O burro que eu pilhei do Figueiredo,
Na viagem que eu fiz á Franca — a medo ;
Papagaios de pennas purpurinas
Em cima das liteiras — de batinas ;
Trastes velhos comprados baratinho
P'ra casa da policia direitinho ;
A rosa, o malmequer de Portugal,
O Mendes solfejando no missal ;
O inferno, o capitão Paulo Delphino,
Abobra com feitio de pepino ;
Gallo suro com pennas de pavão,
Depois de morta Roma, inda Catão...

E tudo em fim que eu vi naquelle dia
No theatro por causa da porfia,
Que eu não pude dizer, agora o digo;
Cumprio-se a lei em fim, mexam commigo !

E cahiu no soalho, era um desmaio ;
Teve em vez de almofada um gordo paio !
Tragam d'agua um barril da villa d'Una
E vão chamar depressa o Itaúna.

CANTO II

A visita

Oh kagados gentis da Macedonia !
Oh Caxias, marquez da Patagonia !
Salmões do Sena, tepidos aromas
Do rio Tieté, bestas de Roma !
Ilha das Cobras, flôr do Guanabara,
Tachos de furrundum, debil taquara !
Frutas de Cambuhy, varzea do Carmo
Espingardas de páo que eu só desarmo !
Oh sol ! oh sol ! cabeça de palito,
Brasa acesa nas costas de um mosquito !

Delicado nariz, meu relicario,
Prenda, prenda gentil do secretario...
E as pernas do Macedo, meus cuidados,
Tendo nas botas os latões dourados,
E o serico tremer das bambinellas,
E estas minhas bombachas amarellas...
Oh céo ! oh terra ! oh candido embornal
Da besta do Baptista de sendal !
E o meu chapéo armado e a minha farda,
A gamellinha, a ponta da alabarda...
E vós, tristes bedeis da academia,
De tarde a me chamar Pedro Maria ;
Minhas theses, ladeira do Castello,
Cozimento de altheia e de farello !
Inspirai-me o calor do cégo Marte,
E a infusa sciencia do Duarte !
Tenho morto o doutor dos meus amores,
Posso comprar um lenço furta-côres !
Não soluçem ; a cura é portentosa !
Depois de ser barão Candido Rosa.
Que ventura sem par ! Que gosto immenso !
Quasi parto os calções, se nisto penso !

E, limpando o suor do rosto afflicto,
O barão terminou, quebrando um pito !
Já da cama em furor salta depressa,
Enrolando na frente uma compressa ;

De ceroulas—altivo a rua invade,
 Com a face coberta de alvaiade ;
 De chambre adamascado de panninho,
 Levava um cobertor de algodãozinho ;
 O pé direito envolto em seda frouxa,
 E, pintada de azul trazia a côxa ;
 No hombro esquerdo a grã-cruz de S. Gregorio,
 E de fitas no outro um mixtiforio !
 Da policia esbarrou c'uma porteira ;
 Onde estava escondida uma liteira !
 Vendo um vulto de branco e de encarnado,
 Recua e perguntou alvoroçado :
 — Quem na rua ficou nesta hora morta ?

— O Baptista, senhor de burro á porta,
 O Baptista —o primor dos delegados,
 Que entregou do allemão os bois roubados ;
 Homem que vale tudo, homem de fama,
 Embora sem querer mije na cama,
 Na excellencia do bem, homem fadado...
 — Ora valha-me Deus ! muito obrigado ;
 Mostrem-me o Guimarães, venho da Sé :
 Que tristeza ! — serão bichos no pé ?
 Os dous, de braço dado em douda valsa,
 Este rasga a ceroula, aquelle a calça...
 Perdão, senhor, exclamou o bom Rodrigues,
 Dai-me cedo a comer da Hircania aos tigres,

Mas antes permitti que as jambeas patas
Eu vos calce contente estas sapatas ;
Comprei-as para vós, foi no Jahú,
São feitas de barbante e couro crú.

Estava toda sala illuminada,
E, sem ter na cabeça uma almofada,
O Guimarães gritava como um louco
Quero vêr um boneco e comer côco !
Geral espanto foi... á um tal pedido
Metteram-lhe no labio um toco ardido,
Puzeram-lhe na face uma cecem,
E na mão uma vela de vintem !
E' preciso assusta-lo, disse o Borges,
E' receita que trago nos alforges !

Dispam o monstro já ; que voz tão gaga ! ?
Talvez tenha no umbigo alguma chaga...
Foi dito e feito : logo posto nú,
Besuntaram-lhe o corpo com angú ;
Tres gottas de vinagre de alecrim
Misturaram com caldo de capim;
Gritava o Guimarães, pedindo espaço,
Mas deram-lhe pancada c'um chumaço !
Que horror ! que negro horror ! que feia magoa !
Vão buscar um canudo á caixa d'agoa.

E' difficil dizer qual a molestia ;
 Sentiu do sol nas ventas uma restea !
 As causas deste facto sobrehumano
 Tem origem no solo musulmano !
 Ai, dizê-lo não posso... um assassino
 Roubou-lhe do armazem o panno fino !

Depois de recolhido a um alguidar
 O presidente ao lado do bilhar
 Ergueu as mãos e disse : ai ! eu deliro !
 Onde estás, ondes estás oh Casimiro !
 As bagas lhe cahiram pelo rosto,
 Como farinha secca em entrecosto.
 Que prantos, que soluços, que desdita !
 Quem rasgou-lhe o roupão feito de chita !

Mas ei-lo—joelão em terra—
 Ao pé do Ignacio infeliz,
 A lhe fazer sobre o rosto
 Mil figurinhas de giz,
 Quasi, quasi por um triz
 O negro e medonho jogo,
 Na ardencia daquelle fogo
 Não fez chorar os recrutas ?...
 Estavam sem farda nova
 Em procura de uma escova,
 Mas com as calças enxutas !

Valeu-lhe naquella hora
 Ter p'ra o relógio encarado,
 Pois descobrio uma aurora,
 E perto um gato escaldado !

Seja feita a vontade do destino...
 Esta a sineta foi... foi este o sino...
 Se a luz bate-lhe em cheio sobre a face,
 Como ha de o infeliz comer alface ! ?
 Porém, buscando em vão Bento Innocencio,
 Novamente o barão rompe o silencio :
 Oh Rodrigues Pintor, não te moderes !
 Se não és coronel, serás alferes....
 Com melasso, feijão e gomma gutta
 Tu pões o Guimarães de face enxuta ;
 Mas é preciso vêr que casta é esta
 De molestia que traz um—T—na testa !
 Não posso receitar, vês que me acanho :
 Vou as calças tirar, traze-me um banho !
 Bem sei que nesta casa as dobradiças
 Não são cousas assim como linguixas
 Preciso consultar o secretario,
 Sacristão da irmandade do Rosario ;
 E do Macedo ouvir o parecer
 Que estudou medicina sem saber ;
 São ambos na pharmacia heroes potentes,
 Capazes de purgar do mundo as gentes.

Emquanto estudo a causa peregrina,
Mettam, mettam o chefe n'uma tina!

E gritando em furor, besta malquista!...
Sahiu montado no Baptista.

CANTO III

A consulta

Na sala do docel, que triste scena!
Tres homens sem dormir... é vasta a arena!
No meio do salão um candieiro,
Tres mesas, quatro lapis, um tinteiro;
Um pedaço de pão, quatro canecas,
E um balainho cheio de moquecas!
Na porta, de camisa de baeta,
Tendo suspenso o pé n'uma banquetta,
Resona por effeito do codorio
De barriga pr'a o ar um provisorio!
Forrada está de negro toda a sala,
E em cima do sophá perfida mala!
N'um canto do salão um realejo
Toca o Lima, sentado sobre um queijo!
Que scena, que abundancia de iguarias?!
Que luzes, que prazer, que melodias?!

Que perfumes que vêm pelas janellas,
Das roseiras plantadas em panellas ! ?

São tres vultos, são tres, são Esculapios
Inimigos jurados dos larapios.

O primeiro, de calças de ganguinha,
Na casa do fardão traz campainha,
E na cabeça carapuça branca ;
Vem sem meias, calçado de tamanca ;
Tem debaixo do braço um rolo immenso,
E embrulhadas broinhas traz no lenço,
No segundo de espada e boldrié
Brilha na frente um bule de café,
Trajando um casacão de belbutina
Prendeu ás costas uma enorme tina ;
Em vez de botas de verniz dourado,
Treme-lhe em cada pé um guiso atado !
O terceiro, vestido de lebita,
Um cigarro de palha ardente, pita ;
Esconde os pés em lindas chinellinhas,
E na algibeira latas de sardinhas !

Assentaram-se alegres no soalho,
Tinha dado o signal—era um chocalho !
Vinham todos á hora da consulta,
Que se não fôsse assim pagavam multa !
Silencio que o dialogo começa,
E, sem panno de bocca, ha ponto e peça

BARÃO (*medidativo*)

Bem sei que a dôr matou-lhe as esperanças...
 Mas do cabello solto fazer tranças!...
 É loucura... si o mal vem de um antraz,
 Expremam-lhe na bocca um ananaz ;
 Não creio que o mordesse no nariz
 Um cão damnado á porta da matriz ;
 Da hepatite que pôz Venus de cama,
 Depois que Scipião venceu em Zama
 Não póde adoecer... Oh ! que doente!

MACEDO (*continuando*)

Mas não será talvez, meu presidente,
 Lombrigas assustadas e damninhas,
 Por me vêr nú em pello de gatinhas !
 Que horror aquella scena de carnagem !

TELLES (*tristonho*)

Elle tinha, bem sei, a beberagem
 Perto da cabeceira da marqueza ;
 Tendo um anel perdido de turqueza,
 Quiz da cama saltar, cahiu de bruços,
 Sem reparar da entrada de dous russos !
 Quem sabe se tomou dozes de arnica !

BARÃO (*zangado*)

Isso é remedio máo de Costa Rica !
 Elle escarra sem custo, apenas sonha

Por ter comido á noite uma pamonha !
 Pleuriz, tosse, splenite ou gastralgia,
 São molestias que dão só na Turquia ;
 Ou quando muito em noite de luar,
 Se bebe alguém cerveja em alguidar !
 O caso é raro e nunca visto aqui,
 E defluxo apanhado em Tatuhy,
 Ou talvez mau olhado em Taubaté...
 Ou quem sabe... também cravos no pé ;
 Nem eu mesmo dizer sei o tormento...
 Amigos que será ?...

MACEDO (*sorrindo*)

Prenhez de vento,
 Acaso indigestão de arroz com pato
 Por ter ceiado á noite de sapato !

TELLES (*soluçando*)

Si morre o Guimarães, eu fico mudo,
 Nunca mais vou á missa, ou jogo entrudo ;
 Empresto o meu chapéu, rasgo as casacas,
 Vou biscoito fazer, vender cavacas !

MACEDO (*de joelhos*)

Eu ato a espada ao rabo de um cachorro,
 Rompo as calças na rua e subo um morro ;
 Vou a Santos, viajo no Itambé,
 E afogo-me depois no Tieté !

Si escapar meu cadaver de urubús
 Que me façam da barba algum cúscuz !
 Morro, morro, senhor, desta desgraça...

BARÃO (*admirado*)

Faz favor de dizer qual é sua graça,
 Já que afastando ousado o reposteiro,
 Vem com ares de frango de terreiro,
 Disse o barão, olhando p'ra um caipira,
 Que trazia suspenso de uma embira,
 Um sapiquá, dous massos de retroz,
 E um chapéu á pastora atado ao cozz?

CAIPIRA (*com solemnidade*)

Senhor, eu sou do Rosa um emissario
 Que vem de ponto em branco, um tanto vário,
 Fui depressa por elle aqui mandado
 A saber si em palacio ha pão torrado !
 Constando que o Ignacio Lagartixa
 Perigava por causa de uma bicha,
 Trouxe um remedio bom, peço que o faça,
 Urina e limão-doce com cachaça !

TELLES (*pensativo*)

Que horror, que horror, que grande descoberta !

BARÃO (*tremendo*)

Ora é bôa, não trazem-me a coberta !

Tanto azedume assim, tanta aguardente,
 Póde a lingua ferir, quebrar-lhe um dente...
 Prefiro antes clyster de glicerina
 Com sopa de tomates na terrina.

MACEDO

Tambem receio a convulsão dos dedos.
 Póde ser a explosão de alguns torpedos.
 Ou cousa ainda peor — uma formiga...

TELLES

Soffrendo por amor dôr de barriga!

BARÃO

Oh! raios, oh! trovões, oh! claraboia,
 Donde Enéas fugio, deixando Troia!
 Oh! de Sant'Anna campo fluminense,
 Que me viste estudar o Genuense!
 Oh! seges de aluguel da minha terra,
 Meus botes do Cajú, laureis da guerra,
 Largo da Mãe do Bispo, Arco do Telles,
 Lavadeiras gentis, ardentes pelles,
 Dos negralhões do ganho. oh! sim, valei-me!

CAIPIRA

Dar-se-ha acaso, senhor, que eu espichei-me?
 Conte o caso como o caso foi;
 Um borracho, um capão carne de boi,
 Feijão e queijadilha... no terreiro!

Doutor, doutor, eu sinto agra lembrança
 Do ganço de meu pai, da besta mansa,
 Do vigariô da terra, do badalo
 Do sino da matriz, do meu cavallo,
 Do gallo carijó, da pata branca,
 E do bedel que eu tive em Salamanca !

TODOS (*chorando*)

Logo vimos : é o Rosa disfarçado
 Em caipira com calça de babado ;
 Falla bem ; a linguagem é selecta,
 Salve, salve mil vezes o poeta !
 Seja elle o juiz desta contenda,
 O nosso requeijão, a nossa prenda !

ROSA

Pois que emfim me estendeis a mão amiga,
 Deixai que enterre um prégo nesta viga ..
 E, tomando de um canto audaz martello
 Disse irado ao barão : ó tu Metello,
 Si de humano é matar homem donzel,
 Não me apertes a mão, tira-me o fel ;
 Eu sou da Piedade o candidato,
 Eu sei dar cafonés, e pulgas cato,
 Na orelha esquerda me latio um cão :
 Ou deputado ser, ou ser barão !

BARÃO

Que é isto ! que desgraça me acontece ?
Um gato no telhado me aparece,
Um cachorro mijou-me no tapete,
E sem querer eu dei-lhe de cacete !...
Foi por causa, senhor da vossa prosa
— Que o Guimarães não quiz levar a tosa;
Não tragam quingombô p'ra o gabinete,
Que eu lanço mão de novo do porrete...
E' preciso solver, o caso é grave...

MACEDO

Senhor, do guarda-roupa eu guardo a chave,
E, si fôr necessario, irei buscar
De pennas de abestruz vosso cocar.

TELLES

Bebei uma caneca de café,
Que eu já vos trago a caixa de rapé;
Breve estarei aqui, vou de gatinhas...

ROSA (*cantando*)

Oh que modinhas
Não vira eu
No sobre-céo
No teu amor,
Meu verde ninho
De passarinho

Junto de um folles
 Si tu me boles,
 Perdendo as pallas,
 Que doidas fallas
 Passam além ?!
 Quebra os narizes
 Nos chafarizes
 Lá de Bethlém !

BARÃO (*gritando*)

Muito bem ! muito bem ! a cimitarra
 Não póde comparar-se a esta guitarra ;
 Quem sabe se amanhã o Guimarães
 Comerá um pudim e quatro pães !...
 Voltemos á questão do cravo roxo.

MACEDO

Esperemos que o Telles dê um muchocho.

TELLES

Como eu sou secretario—eis meu conselho :
 Visto o Ignacio ser inda fedelho,
 Convoque-se um congresso soberano,
 Que resolva a questão do predio urbano ;
 Consultem-se os notaveis do paiz,
 E, durante a sessão, toque a matriz,
 Se entre pombas metter-se algum milhafre,
 Trate-se o Guimarães com espinafre !

BARÃO

Quanto antes—as cartas de convite.
 E ordens á patrulha p'ra que apite !
 E vós, grandes irmãos universaes.
 Si não crêdes em mim, por que choraes ?
 « Adeus, adeus, ás plagas do meu berço »
 Murmura agora o cantico do terço !
 E de um jacto, sem meias e sem botas,
 Foram portas a dentro ás cambalhotas.

CANTO IV

O congresso

Luzes, luzes de mais !... as arandellas
 Enfeitem de herva doce nas janellas ;
 De bananas gentis podres ·ingãos,
 E de canna creoula alguns bagãos,
 A todos dous a dous com mão de vacca
 Junquem o liso chão !... meia pataca
 Traga em cada algibeira um permanente ;
 Em vez do seu bonet ponha crescente,
 E os cabellos cahidos sobre as costas ;
 — As espadas com fumo, e sobrepostas
 Nos copos de crystal rendas de linho ;
 Escrevam no portal—Borges Candinho !

Eu quero no congresso de cortiça
 Lombo fresco, cajú, mingau, linguiça ;
 Em vez de chá o caldo da laranja,
 E tigelas azues cheias de canja.
 Eu fallarei, vestido de amazona,
 E o Rodrigo tocará sanfona !
 Onde estão, onde estão, padres conscriptos,
 O meu doce manjar, camarões fritos ?
 Assim fallou a quatro de Janeiro
 Com sorriso brincão —Borges Monteiro.

UM ORDENANÇA (*entrando*)

Senhor, os convidados de espingarda
 Vos esperam... e nós não temos farda !
 Cumpriu-se a ordem dada —ao pé da porta
 Entre duas moringas ha uma torta ;
 Formou a guarda de palacio em torno,
 E da casa do sello fez-se um forno.
 Cada praça com calças de filó
 Tem na cintura um laço de cipó ;
 De amarello fardão o Cruz lampeiro
 Mostra na excelsa fronte um cuscuzeiro ;
 Ninguem póde porém abrir cacimbas,
 Mas ha velas de cebo nas tarimbas !
 Tudo espera, senhor, tudo lá grita :
 O' raça de barões, raça proscripta !

BARÃO (*gaguejando*)

Eu lá vou, eu lá vou em dous minutos,
Quero porém ficar c'os pés enxutos ;
Como prova feliz do meu amor.
Bebam sem respirar agua de flôr ;
Pois que não posso agora já calçar-me
Com perigo de a porta constipar-me
Direi a companhia alvenitente
Que guarde um martelinho de aguardente ;
Quero bebê-lo á entrada do quartel
Grato saudando á Penha e o Gabriel :
Inda um instante só!—nos meigos olhos
Tincta a face em carmim, porei uns folhos.

Soltou da madrugada o canto macho
A gallinha d'Angola... ao som de um tacho,
Quando ao corpo da guarda appareceu
O barão com feições de camapheu !
Mettido numa urna eleitoral
Trazia na cabeça um castiçal :
Eram tréllas gentis desta liteira.
— O Rodrigo vestido de parteira,
O Rosa com fardão de coronel,
O Mendes tendo ao lado um saquitél,
E o Duarte tocando clarineta
Numa especie de flauta de cacheta.

Posto em cima da tampa de um bahú
 Quiz antes de fallar comer tutú :
 Que vistas, que paineis, que consultorio !
 Que pharmacia gentil do grão Tenorio !
 O Valladão tocava symphonias
 Nas sanfonas que estavam nas bacias !
 « Fallem todos de coc'ras façam angulo,
 Formando em torno a mim um triangulo. »
 Disse o barão, tomando uma muleta,
 E pondo-se a jogar a carrapeta !

Ordem dada,—cumprida foi de um jacto ;
 Apesar de um maldicto carrapato,
 Que ao conego Joaquim mordeu no beicho,
 Elle exclama : o capote... oh não, não deixo !
 Na lucta p'ra tomar uma postura
 Ao Iguape desceu a quebradura,
 E o barão do Tietê n'uma tigella
 Um extenso arranhão fez na canella !
 Mas tudo ficou cedo em seu logar,
 E pôde esta sessão principiar :

BARÃO

Da Grecia e Roma os marmores roubados
 Foram por vós, senhores, occultados ;
 Por causa de um feroz recém-nascido
 Eneas deu á noite um soco em Dido ;

No colosso de Rhodes o espartano
 Viu cavallos de páu sem vêr troyano ;
 Foi lá no monte Ural—que Salomão
 Plantou sem vêr, sementes de algodão ;
 Eu mesmo no verdor da juventude
 Já comi carne assada n'um almude !
 Vede que cousas ruins, bem póde ser
 Que o Guimarães esteja para morrer.

VALLADÃO (*chorando*)

Morrer, morrer meu doce callipino,
 A goiaba do céu, o meu pepino ;
 A relva do quintal, do poço o limo,
 O toucinho, o pudim, o pão de azimo ;
 O cravo, a rosa, a dhalia, o malmequer,
 Neste nosso festim nossa colhér...
 Morrer como um pagão, sem sacramento ?!

RODRIGO (*sorrindo*)

Isso não vale a pena que é jumento :
 O que é preciso é dar de disciplina
 Até que fique a pelle purpurina ;
 Este enorme aleijão policial
 Só póde resolver-se a fogo e sal.
 Eu trago n'algibeira dous bentinhos,
 E caço nas gaiolas passarinhos ;

Tenho um pombo azul no gabinete,
E perto de uma estante um galhardete!
Planto flôres, que bellas parasytas
De diversos padrões e varias fitas!
E agora, meu barão, diga o que pensa
Das torres de Granada e de Florença:
Eu sou Rodrigo Augusto, homem da breca,
Sei dançar solo inglez, jogo peteca;
Eu escrevi com lapis e com giz
Este drama immortal— Egas Moniz!
Logo é certa a pancada ao Guimarães.

BARÃO (*admirado*)

Mas que tem c'o a parada os capitães?
Ver, que horror, a mijar perto da esquina
Sem pejo uma cachorra... oh que assassina!
E o chefe, e o chefe, injusto manichêu
Os pratos da policia até lambeu!
De um frango assiste alegre ao suicidio,
Repetindo ao luar versos de Ovidio!
Contra uma porca, um crime audaz commette
E raivoso na orelha os dentes mette!
Que vergonha, que feio maleficio!
Deitar á noite aos pés pó dentrificio!
E o perverso enguliu um azulejo
Por não poder matar um persevejo!

Fez doce de cidrão em Taubaté,
 E antes de partir fez um crochet !
 A' noitinha, chorando e quasi a medo
 Fez tranças dos cabellos do Toledo !
 E' preciso, é preciso a penitencia,
 Assim o pensa bem minha excellencia.

O IGUAPE

E tal com que, porque— assim não é,
 Si elle pudesse ir ao Tremembé !
 Eu cá sou como peixe á sexta-feira
 E ostras de escabeche na lareira !
 E tal com que, minha terrina aqui,
 Requeijão, vinho velho e sarnambi :
 O' tu, ó Guimarães, oh conchinchim,
 Cabeça de tomate, ou de marfim,
 Has de ter penitencia e procissão,
 E julgamento á face da nação

VALLADÃO

Voto, voto a favor, mas eu tambem
 Pelo sermão não peço um só vintem ;
 Farei nas ruas lindas viravoltas,
 Na frente me porei de mil escoltas !
 Que desenhos de luz! o Vaticano
 Nos hombros carregado de um romano :

Levando o Dante ao braço um samburá
 Em busca de laranjas e araçá...
 Na porta do Quartim um frade bento
 A dizer com furor : cante o memento ;
 Pombas da Conceição, jardim da Hespanha,
 Largo de S. Francisco, o Piabanha,

 Do Cubatão as lindas cascatellas
 E mesmo os lampeões da vil Bruxellas,
 Que cousas de espantar este cavallo,
 Este esguio pescoço de gargalo !
 Tudo, tudo farei, chefe damnado
 Para salvar tua alma do peccado.



Mas que é isto ? que é isto de mansinho
 Descobrio-se n'um cantinho
 Mettido dentro de um nicho,
 A esconder o rabicho
 Do tão liso cabellino,
 Com ares de seraphim
 O nosso padre Joaquim :
 Parece, quem o dirá,
 Com calcinhas côr de canna
 Rolete de carne humana,
 Com rosto de cambucá !

TODOS

Quer sardinhas tirar com mão de gato,
Sem vêr que lhe ficou á porta o fato !
Falle, vigario, falle em phrases nobres
Póde tranquillo estar, ninguem quer cobres !

Falle nhonhô !
Falle Quinquim,
Que todos lhe estimam,
Lhe estimam, pois sim.

CONEGO

Irmãos, irmãos, perdoem-me os peccados
Por causa dos maldictos mil cruzados !
Mas concordo comvosco—estas canastras
Podem ao longe parecer pilastras;
Haja silencio agora, este rumor
As cornetas, o rufo do tambor,
Nada, meus filhos, nada, ouvi-me attentos ;
Quanto antes tomai vossos assentos !
Mas eu... eu que na mitra, enlouquecia,
Não fallava ao Barreto da Cutia,
Na porteira da Sé punha uma talha,
E mandava pintar toda a cimalha !
Bispo... bispo... uma hora, um só instante !
Punha-me a sacudir o pó da estante !

Trançava no cabelo um papelote,
E á rua sahia de saio te.

Adorno esta cabeça de funil,
Corro montado em arco de barril,
Em casa, ao levantar da luz do dia,
Quando um gato miar, sou eu quem mia,
Na mesa de jantar, comendo frango
De castanholas dansarei fandango ;
De noite accendo velas, tiro as botas
Largo o capote, e viro cambalhotas...

Irmãos, fallae verdade, á quantas horas
Estaes vós á procura das esporas ?
Tendes fome ? aqui vos trago pães,
São presentes do nosso Guimarães !
Concordo com o laudo do barão
—Pancada, penitencia e procissão.

CAPITULO V

A visão e a recusa

A' meia noite—a hora dos demonios,
Preso por uma escolta de camponios,
No quarto de dormir do presidente
O Guimarães surgiu como um demente !
Vamos, gritava, alli no gabinete ;
Estou de tanga, nú, de capacete,

Atado de baeta ao cinturão,
Tenho de páo pintado um espadão ;
Do meu triste soffrer n'ardente fragua
Dous arcos arranquei da pipa d'agua ;
Vamos, vamos, depressa, o facto é grave.
Não mais caterêê, não mais conclave !

E' perfidia, senhor, eu já estou bom,
Já não quero mais ser homem do tom ;
Prender-me no xadrez por duas horas,
E quando a multidão me dava fóras ? !
Pôr-me assim como Adão no paraizo,
Sem calças, sem dinheiro e sem juizo ? !

Basta, principe, basta, prescindamos
De injustas arguições !—O Souza Ramos
E' mineiro da gema, e disse um dia
Que o incendio voraz da Alexandria
Foi obra de Sansão, a quem aprouve
Noite e dia comer talos de couve !

Eu fui preso sem culpa, a horas mortas,
Foi o Claudino que arrombou-me as portas ;
Pretende o louco que infringi posturas
Por ter vendido em casa rapaduras !
Inda um crime, inda um crime horrendo e atroz,
Não paguei um novello de retroz !
Perdão, senhor, perdão ! é ser caifaz
Fazer a procissão—não posso mais !

BARÃO (*irado*)

Ponha-se ao fresco já, vê que me acanho ;
 De rubra carapuça estou no banho ;
 Hei de vesti-lo aqui, espero a gente
 — O Paulo, o Bittencourt e algum tenente,
 Testemunha que vem coçar-lhe os pellos ;
 Nós comeremos junctos caramellos !

GUIMARÃES (*enternecido*)

Que jambeo collo, ó presidente amado,
 Que lindo braço e seio alvoroçado,
 Que esguio pé, que dedos côr de rosa,
 Que barriga de perna tão mimosa ?
 Que espadua núa, altiva e scintillante,
 Que lindo umbigo e hombro de Atalante ? !
 Oh ! que feições gentis desta belleza !
 E o beijo retorcido, e a barba ingleza !
 Mas que verruga é esta que eu destaco
 Com vesgo olhar nas rugas do subaco ?
 E' signal de nascença ? Oh quão feliz...

BARÃO

Si continua, eu torço-lhe o nariz ;
 Mas diga-me, conhece uma tupuya
 Que me queira deitar agua na cuia ?

GUIMARÃES

Eu mesmo, eu mesmo quero,—que ventura ? !
 Borrifar-lhe o carão com agua pura ;

Oh, não se enfade, não, fôra vergonha
 Não tomar o seu gole de congonha ;
 Mas antes de cumprida esta missão
 Deixe esfregar-lhe o corpo com sabão !

E o louco, soluçando de contente,
 Foi-se ao corpo infeliz do presidente,
 E disse ao terminar :— dê-me o perdão !
 Tudo menos, senhor, a procissão !
 Mal terminava a phrase, eis que de um canto
 Surgiu o Bittencourt de espada e manto,
 Tangendo alegre e vivo uma guitarra
 Pôz-se logo a cantar como cigarra.

BITTENCOURT

Ouve, maldicto heróe, hei de cantar-te,
Teu nome espalharei por toda parte !
 Foi em Piracicaba, ó trampolina
 Que te metteste dentro da latrina !
 Escuta-me, ó barão, vou começar,
 Neste canto sem fim serás meu par !

(Cantando)

Quem foi que comprou os moveis,
 Quem foi ?
 Os moveis foram comprados ;
 Ninguem nega a compra feita,
 Digam tudo por inteiro ;

O mundo é mexeriqueiro :
 Portanto
 Exponham logo esse facto,
 Quem é que fez o contracto?
 Por quanto?
 Si novos eram os trastes,
 Que mal?
 Trocaram trastes usados
 Na casa do vendedor
 Por moveis de alto valor?
 Pois digam logo a verdade :
 Que é feio mudo ficar,
 E assim lampeiro guardar
 Segredo :
 Si ha trastes velhos na sala,
 Por que a policia não falla,
 Que medo?
 Si aquelles trastes vendidos
 Atôa
 Ao nosso grande Ignacinho
 Foi compra em segunda mão,
 Confesse agora a lesão,
 Digam tudo de uma vez
 — Por bem !
 Si a compra foi cousa bôa,
Não póde fallar atôa
 Ninguem !

Mas que moveis tão baratos
Foram esses?
Gamellas? Não póde ser,
Nem ricos jarros de flôres,
Que moveis de taes valores
São cousa um tanto salgada :
Talvez fôsse encommendada
A talha,
Que o Guimarães trouxe esperto
N'um caixão todo coberto
De palha !
Mas talha... não é possível ;
P'ra que ?
Tem dous barris a policia,
Tres potes lindos e brancos,
Dois baldes que andam aos trancos :
Para que pois esta talha
Que n'asa tem uma falha ?
Não ha tal !
Bôa compra, bôa venda,
Não ha motivo a contenda,
Tal e qual.
Foram cadeiras de estofo,
Espelhos,
Um sofá côr de alecrim,
E duas conversadeiras :
Só não houve papeleiras

Pois pertence ao presidente
 Fazer o expediente
 Do tolo.

O Guimarães da Bahia
 Em politica é fatia,
 Ou bôlo.

Velhos, novos, compra ou traca,
 Os moveis

Já foram todos entregues,
 Já estão servindo ao doutor,
 Paguem portanto o valor,
 E digam o preço ao povo,
 Que é feio o processo novo
 Da venda !

Si pagar o contribuinte,
 Doutor que seja elle ouvinte,
 Attenda !

(Furioso e parando)

Oh, que recordação me assalta agora
 No meio do salão, antes da aurora !
 Fui trahido, senhor !... ingrato Mendes,
 Nesta minha alma—que furor accendes ?
 Tu fôste do doutor o conselheiro,
 Já de barbas puzeste-lhe um coeiro,
 E na imprensa da Lei... olha que escarro—
 Do collete tiraste-me um cigarro !

BARÃO

Basta, que eu tambem tenho voz suave,
Sou bom cantor da igreja e de conclave;
Esperem, eu já deixo esta bacia,
Quero comer de pão uma fatia,
Ponham neste salão uma chicaca
Que mesmo nú em pello eu corto jaca !

Foi dito e feito, o louco desvairado
Da bacia saltou todo molhado ;
Arrancou a viola ao Bittencourt,
E logo disse : — tragam-me o cavour !
As fórmãs raras ao clarão da luz
Os vultos pareciam alcatruzes !
Uns após outros vinham despontando,
E todos mascarados para o bando !
Cala-te, ó Guimarães, não ha perdão,
Penitencia terás na procissão !

GUIMARÃES

Oh que tristeza ! amigos destes peitos
Mandem vir um cartucho de confeitos :
Eu quero ouvir mettido na bacia,
Os melódicos sons desta folia :
Vou divertir-me enquanto não apanho.

E o Guimarães saltou dentro do banho,
 Enquanto de viola o baronaço
 Torcia o corpo e requebrava o braço:
 Que posturas?! que passos engraçados,
 Como puxam feira os convidados?
 Bravo, bravo, ó meu charo presidente!
 Que requebros, que voltas de serpente?!

BARÃO (*cantando*)

Vamos, vamos, rapazes, á dança;
 Batam palmas—que trine a viola;
 Vá de roda, o fandango não cança
 Eu sou grande, eu faço tudo,
 Eu sou da patria a columna;
 Entendo de medicina,
 Eu sou barão da Itaúna!
 Chique, chique, tra-lá-lá,
 Espere que eu chego já.

Venha o Paulo, de espada na mão,
 Banda á cinta, bonet de papel:
 Assim mesmo que é ser capitão...
 Mas eu sou mais do que elle,
 Mato pulgas, tiro dentes;
 Sou rosa, cravo, jasmim,
 Sou o rei dos presidentes.
 Chique, chique, tra-lá-lá
 Não chame que eu não vou lá!

Ai Rodrigo, não fique parado,
Assim mesmo a correr de gatinhas,
Calça ingleza, chapéo derrubado...

Ai Rodrigo, isso é demais,
Não quer que eu falle a ninguem,
Me cerca de noite e dia,
E não me deixa, meu bem!
Chique, chique, tra-lá-lá
Licença—que eu vou-me já.

Guimarães, Guimarães, o vigario
Quer ouvir-lhe o discurso no fado :
Ande lá que elle salta do armario...

Diga o que sabe da lei,
Já teve tempo de mais ;
Agora a cousa endireita,
Diga o resto se é capaz !
Chique, chique, tra-lá-lá
Ignacio não me dirá ?

Fervia a confusão, ardia a festa :
Esta foi a desgraça, oh ! sim foi esta
Que pôz o mundo inteiro de maleita !
Comprar á meia noite roupas feitas,
E assim como nasceu, fechado o punho,
Estar louco a dançar sem cruz nem cunho !...

Mas quem chegou de longe e bate palmas,
 Accendendo o furor naquellas almas ?
 Que trasgo, ou que visão ? digo por mim
 Que seus sapatos são de marroquim ;
 Traz marrafas gentis, de tartaruga
 Um pente enorme traz, n'ardente fuga
 Dos patrios lares mil proezas fez ;
 Porisso tem capote de escossez :
 Vem com cinto escarlata, duas fivellas,
 Cravejadas de pedras amarellas.
 Apenas assomou na portaria
 Começou uma horrivel gritaria.

ANNINHA VINTEM (*com magestade*)

Quem sou eu ? quem sou eu ? não vêm, ingratos,
 A côr especial dos meus sapatos ?
 Venho do Rio-Claro de rosario
 E vem commigo o meu padre vigario :
 Queremos assistir á procissão,
 Elle de breviario, eu de oração !
 Mas que é isso ? que cousas eu direi ?
 Vejo Adão a dansar no Paraiso !
 Nú em pello a primeira autoridade,
 Sem vergonha da gente da cidade !?
 Eu nunca vi tal cousa ; é louco, é louco !
 Vou já puxar-lhe a orelha e dar-lhe um soco ;

Mas antes dansarei com elle um fado
Sem capote e de pente derrubado!

E o fado começou ; era um brinquedo
Vêr os dous a dançar ; sorrindo a medo,
O Guimarães exclama: — ó centopeia.
Não se póde negar que é uma teteia.

ANNINHA (*cantando*)

Candinho dos meus peccados,
Não te zangues, meu amor !
O promettido é devido
Cumpre a jura, ó senador.
Alma e vida, é tudo teu,
Oh presidente do céo!

Si o padre que eu adorava
Foi inspector das escolas,
Não me deixes pelas ruas
A estragar minhas solas,
O que hei de dar-te, meu bem?
O que hei de dar-te ? um vintem.

Desempenha o promettido,
Meu barão da pá virada !
Não deixes triste e chorosa

Anninhas desconsolada !
 Lê o padre as escripturas,
 Eu posso ensinar leituras.

Mudo toda a redondeza.
 Ponho a tremer a cidade ;
 Os velhos ficam mais moços,
 E mais velha a mocidade...
 Ai meu Candinho, si eu fôra...
 Eu quero ser professora !

BARÃO

Não me falle, mulher, na petição,
 Eu só quero saber da procissão :
 Amanhã, ao romper da madrugada
 Deve estar toda a gente preparada.

CANTO VI

A procissão

Lá vem a procissão ! que immensa gente !
 Que grupos variados de repente
 A fazer posições sobre as portadas ?
 Que estalos sorrateiros de palmadas ?
 Que vestuario especial nas ruas ?
 Quitandeiras gritando semi-nuas,

Soldados de fardão e de chinellas,
Padrecos de batinas amarellas ;
Cavallos sem selim á disparada,
Gallos sem penna em cima de almofada ;
Mulheres com mantilhas côr de canna,
E com saias de folha de banana ;
Os musicos de flauta e de peteca
A tocar o bitú n'uma rabeca

De pó de pedra em magnas terrinas
Nas janellas á luz das lamparinas ;
Cabritos a berrar, cabras perdidas,
E as pipas co'as torneiras retorcidas !
Alguns corvos voando pelos ares,
E cães a uivarem tristes e sem pares :
Um ditoso painel, todo a capricho,
E atraz da procissão carros de lixo !...
Um Patuscão os guia em doida walsa
De vermelho surtúm e curta calça !
E sorri de prazer, roendo um osso,
Que em premio conseguiu por ser bom moço.

Lá vem a multidão do pateo egregio ;
Encheu de pressa o largo do Collegio !
Brincando, de busina o presidente
Vem trajando rroupagem esplendente,
Erguendo altivo a palma de um bambú,
Faz ás vezes de alegre pap'angú,

Applauda a molecada da cidade,
 Vendo assim a primeira autoridade.
 Da igreja paulistana o grão primaz
 Em fralda de camisa vem atrás ;
 No seu russo pedrez, montado a medo,
 Traz nos hombros a farda do Macedo ;

Na cerviz do animal pôz o capote,
 E nas ancas lençol de chamalote ;
 Atada o Ignacio traz enorme canga,
 E o corpo apenas cobre-lhe uma tanga ;
 Prenderam-lhe á cintura longa embira,
 Que vem segura ao rabo do pequirá
 Do conego Joaquim ; da esquerda ao lado,
 Gritando com furor descompassado,
 O Bithencourt feliz bate o compasso,
 E o Chan-chan leva um pote de melasso.
 De calções nestas loucas embrulhadas
 São choristas de meias encarnadas

O Rodrigo e o Rosa de S. Roque,
 Que pôz ao tiracollo o seu bodoque.
 Envolvidos n'um chale de toquíim,
 O amigo Claudio e o Paulo veem no fim ;
 Trazendo azas de folhas de mamono,
 E fazendo dansar um feio mono.

Armando cadeirinha de seus braços
Dous colonos carregam—tardos passos—
O Elias sem pavor—José Jordão,
Que lia a portaria do Ferrão!
Paga ou não paga, murmuravam loucos,
Os nossos dez tostões, os nossos côcos ?

E da festa no ardor, lançam-se irados
Do gibão aos botões amarellados ;
Valeu-lhe nesta luta nunca vista
Agarrar-se ao calombo do Baptista !
Este zangado grita em altas vozes,
Não ha de mastigar as minhas nozes,
Não me tire o chapéo, isso é indecente,
Não mostre o meu calombo á tanta gente ;
Desmanchar-me o cabelo é crueldade.
Não injurie assim a autoridade.
Lá vem a procissão ! que gloria é esta ?
Brilham dignos no meio desta festa

Um padre e uma mulher de breviario.
Envoltos n'um enorme escapulario ;
Em roda deste grupo illuminado
Um renque de tocheiros enfeitado
Com folhas de café... homens de fraques,
Carregando diversos badolaques.

Que lindo panorama ? ! agora, agora,
 O Mendes co'uma grande catimplóra,
 Com habito de frade e cinturão
 Sustenta ousado o rubido guião ;
 Ao lado, com as faces maceradas,
 Jogando em cada canto cabeçadas,

Vestidos de judeos na procissão,
 O Delfino e o Duarte vêm e vão!
 Logo após vem cantando n'um bangué
 O Iguape e o barão do Tieté,
 Traja o primeiro linda casaquinha,
 E traz luneta d'ouro e bengalinha ;
 O segundo, roupão de seda frouxa,
 Um collete azul-claro e calça roxa,
 Sapatos de duraque, côr de zinco,
 Chapéu de Chile usado e vitreo brinco,
 Adornão o bangué verdes tapetes,
 E as duas bestas trazem ramalhetes.

Dirige os animaes de ponche azul
 O capitão Lindoro d'Irmensul,
 Que diz meio zangado : ó negra dôr !
 Serei ou não serei procurador ?
 Atrás uma ordenança, homem bonito ;
 Brilha o vulto andaluz do Benedicto ;

Escarranchado em seu cavallo pampa!
 Com manta de galão, ardente campá!
 O solo inglez, exclama, o solo inglez,
 Maldita brincadeira do Garcez!
 Bem longe, carrancudo, e de chocalho
 Manda uma escolta o Prost Rodovalho.

No meio desta vasta multidão
 La vejo o corpanzil do Valladão ;
 — Vestimenta de meia, ao corpo unida,
 De branca barretina, a pluma erguida ;
 Joga engraçado, procurando azares,
 Em cada esquina jogos malabares.

Lá vem a procissão ! ai quanta cara
 Chega ao largo da Sé e logo pára !
 Silencio inda uma vez, temos sermão !
 Ao pulpito subio o Valladão !
 Cessa a busina aqui do presidente,
 Que vai fallar o prégador da gente :

SERMÃO

« *Ecce rex, ecce bestia, vel burricus,*
Salve, doctor doctorum — Ignacicus !
 E' este o rei, a besta portentosa,
 Que faz brotar da terra a caparosa ;

E' este da policia o cavalleiro
 Que ousou sentar-se aqui n'um fogareiro ;
 E' este da justiça o mal das vinhas,
 Comedor de batatas e de pinhas ;
 E' este o domador dos feros micos !

Ecce rex, ecce bestia, vel burricus !
 E' este o grão doutor da mula russa,
 Nú em pello, de rubra carapuça ;
 O sacerdote ingrato aos filhos varios,
 Que arma gaiolas p'ra caçar canarios ;
 Satanaz de roupeta, um pombo escuro
 Batendo as fuscas azas sobre um muro ;
 Um gato branco, do telhado á beira
 Depois de ter mijado na setteira !
 Irmãos, irmãos, saudai o grande chefe,
 Do nosso matadouro o magarefe ;
 Demos-lhe pão, presunto, uma gallinha . .
 Mas quem vejo a chorar ? Anninha ? Anninha ?
 Moleques, onde estão os tico-ticos ?

Salve, doctor doctorum Ignacicus ! »
 De palmas um trovão acolhe a phrase,
 Deste grande orador n'ultima phase !
 Soam as melodias de uma orchestra ;
 E quem não póde ouvir canta e palestra !
 Como um louco de posse de um flautim
 Tocava ardente o conego Joaquim.

O momento chegou do sacrificio.
 Nada de pranto, nada de artificio,
 Gritaram todos: venha o pap'angú,
 E traga a heroica palma do bambú!
 E' castigo chinez, venha o marmanjo,
 O Ignacio Guimarães, o nosso archanjo;
 E' preciso que apanhe aqui nas ruas,
 Co'um feixe de sipó, de costas nuas,
 E o conego puxou a corda á pressa,
 E metteu-lhe entre os coldres a cabeça.
 Mal ageitou-o em commoda postura
 O presidente deu-lhe com frescura!
 No meio da tristeza universal
 O conego resava num missal:

(Oração)

Accipe, frater,
 In lombo tuo
 Sacram virgam;
 Quid petis, filius?
 Ego non possum
 Rumpere circam.

Frater Ignacius,
 Divinam gloriam
 Tu perdivisti!

Et nos quoque
Horribile voce
Tu chamavisti !

Amicus frater,
Dominus tecum,
Ora pro nobis !
Euh ! tristissima
Magna sors !
Et pax vobis.

Terminada a oração, a molecada,
No meio d'algazarra atordoada,
Tomou conta do chefe, estava louca ;
Pôz-lhe uma touca
E assim cantou :

(Hymno de gloria)

Fogo, moleques, não parem !
Fogo no Guimarães ;
Fogo no calhambeque ;
Palmadas, não tenham dó !
Ora bate moleque,
Ora bate coiό.

Fogo no chefe, rapazes,
Não tenham pena do Gomes ;

Agora agarrem-lhe o beque,
Atirem com elle ao pó !

Ora bate moleque,
Ora bate coió.

Rasguem-lhe a tanga, meninos,
Palmadas que nos deem gosto;
Agora deem-lhe de espeque,
Deem-lhe tambem de cipó !

Ora bate moleque,
Ora bate coió.

Fogo ! fogo ! mais pancada,
Pancada de enrubecer !
Taponas, demos-lhe um cheque,
Quebrem a perna ao socó !

Ora bate moleque,
Ora bate coió.

Mas que horror ! mas que horror ! nesta meada
Surge zurrando loucã e disparada
A besta do Baptista ! — a chuva cáe,
Um chorista da Sé gritando sáe
Por ter levado o vento um papagaio;
Vem virando na esquina um cão malaio :
A musica, trazendo umas cadeiras,
Foi-se esconder debaixo das gotteiras;

Depois de ter quebrado o seu flautim,
 Sáe de galope o conego Joaquim ;
 E' tudo confusão, é tudo horror,
 Só por causa de um vidro de alcanfôr !
 O presidente irado n'uma esquina
 Tirava sons horriveis da buzina !
 Por fim entrando a casa do *Diario*,
 Exclamou a chorar com gesto vario :
 « No festim de um cadaver que devoro »
 Um estribo perdi, não tenho lóro ;
 Mordeu-me um caranguejo, estou no mangue,
 « E' meu hymno furor, meu nectar sangue ! »
 Na mesa de jantar teremos bagre...
 Esperae, esperae ! Faz-se o milagre !

CANTO VII

A transfiguração e o carnaval

Quem quer, quem quer comprar alcomonia ?
 Gritava com furor a mãe Luzia.
 Hoje é domingo, sim — ao longe, ao longe
 Vi Satanaz com habito de monge !
 Cabinda, eu sou cabinda ! oh gente feia !
 Vêr o Mendes dançar na varzea cheia !...
 Cala-te, ó preta audaz, exclama o Lima,
 Eu do Rio cheguei, tu de Solima

Mas que vejo ? Ao luar d'Africa os filhos
Espigas a comer de roseos milhos...
E nem siquer — ó céos ! entre os limões
Hei de vêr o barão aos empurrões,
De seringa na mão, gritando alerta,
O' minha gente, que pretinha esperta ! ?
Vem cá, Luzia, vem ! no taboleiro
Terás pés de moleque ? O carnicheiro
Deu-te um beijo na frente, ou só de horror
De molhado me vêr mudas de côr ?

E a noite ia descendo, e a varzea inteira
Parecia um lençol de quitandeira ;
Canôas a vogar no rio atôa,
Tendo a popa quebrada e luz na prôa;
As lavadeiras de saio alvinho,
A esconder-se debaixo do banquinho;
Um allemão, gritando, de botija,
Não pegue no cavallo que elle mija;
Da Sé os eleitores de gatinhas,
Trazendo ao peito lindas campainhas;
Do Braz o lote guia pelo aterro
O Proost grão-pirralho de sincerro;
Não querendo ficar atraz na gloria,
Daquella horrenda e temerosa historia,
Representa na festa de capuz,
N'um bacalháu montado, o grande Cruz;

E o Luiz Pacheco traz sobre uma canna
De pés no chão, enorme tabarana ;
Da fundição o magestoso lyrio
Lá vejo de levita o grão Porfirio,
No obervatorio azul do Seminario,
De telescopio em cima de um armario ;
È os frades, espantados, de vassouras,
Sacudindo um rosario de cenouras.
Lá no porto do bispo acocorada
Foi a Camara sem dó toda ensopada ;
Mas apesar do banho o presidente
Inda grita a suar : que dôr de dente !
Tragam, tragam-me já o meu rosilho,
Que não soube este mez o que era milho !
Que horrivel carnaval, scenas ingratas !
O conego Joaquim nú, de alparcatas ;
Um cão maltez vestido de modista,
Que quer entrar na Sé como chorista ;
Na ladeira geral triste um perú
Cantando as glorias do João Bitú ;
No meio da confusa berraria
Gente e mais gente em busca de aletria...

Meia noite soou ! lá no palacio
Grito feroz estruge... onde está Cassio ?
Bruto resuscitou ! não me apoquentem,
Não rasguem-me os calções ! oh não, não sentem

Que eu vou penar assim de farda e saia,
E o Guimarães que é a minha besta baia ! ?

—

E a varzea estava cheia, e o povo em ondas
Com taquaras na mão fazia rondas ;
Trazendo anzóes de pau e enorme harpéo,
De calças de brim pardo e de chapéo,
Vinha em marche-marche lá do Braz
Os provisórios a pular quintaes ;
A policia local de ponche branco,
De vermelha bombacha e de tamanco,
Com tempo para a festa convidada,
Pedia em altos gritos carne assada !

—

Mas eis descendo vêm as irmandades
A ladeira do Carmo ; estas deidades
Puzeram o barão de rabo torto,
E ao Guimarães deixaram quasi morto !
Que luzido cortejo ! A do Rosario
Traja vestido azul, e em passo vario,
Na praça do mercado—n'um poleiro
Soluça de paixão Thomaz Ribeiro ;
A da Misericordia veste opa,
E vem tocando á frente extensa tropa
Carregada de ovos, rapaduras :
Traz na testa um pennacho de fressuras :

A ordem terceira, em mangas de camisa,
 Com saia de chaly e longa nisa,
 No meio da feira dos archotes
Lançava á multidão flôres e mottes.
 Da cintura para cima nú... tão triste,
O Hippolyto ao entrudo não resiste :
 Traz debaixo do braço uma cacheta
 Que roubou a um soldado na retreta !
 E o Duarte, iracundo perguntava :
 —Mas se hontem, Thadeu, elle allí estava ;
 Si da noite ao cahir com samburá
 Foi commigo juntar flôres de chá :
 Si quando eu exclamei—Jundiahhy !
 Elle me respondeu eu bem te vi !...
 Este caso infeliz vai a peor,
 Eu não posso dizer versos de cór.
 Depois que deu-me o Rocha aquellas sovas,
 Já não suspiro mais, não faço trovas ;
 Arranjo demissões, escrevo cartas,
 E vou de tarde á caça das lagartas !

Quanta gente a correr, que gritaria ! ?
 Que immensa multidão, que companhia !
 Multicôr, variada, em grupos mil
 Pintada de açafão, cheia de anil !
 Lá vejo do thesouro o inspector,
 O Pereira dos Santos c'uma flôr,

Perguntando a quem passa de repente :
 Vossê não viu o meu romance ardente ?
 Aqui trago jornaes — a collecção
 Dos meus *Ytororós* no casacão !
 E era bello de vêr, todo enfunado,
 Gritando como um louco : — eu sou formado,
 Tenho brincos azues e da *Revista*,
 Fabriquei um chapéu que o mundo avista !
 Atraz delle sorrindo e de sacola,
 Disfarçado o Coimbra em hespanholla,
 Gritava enternecido : — oh tu, Pepita,
 Não tens amor ao chefe ? a ronda apita.

—

De galope a correr ousada malta
 Ao longe surge e pela varzea salta,
 Ceberto de suor, comendo roscas
 O valente esquadrão assusta as moscas !
 Alli grita Vicente de Azevedo,
 Coronel infeliz que chupa o dedo,
 C'um gibão escarlate, enxada á cinta :
 Eu danso o miudinho, eu jogo o pinta !
 Lá descubro, montado n'um burriço,
 O Correia Ché-ché, o doutor Mico,
 Vestido da cabeça até os pés
 Com variadas notas de mil réis !
 Vem n'um boi o Claudino lá da Franca
 Com o rosto voltado para a anca !

Seguem-se logo após, formando allas,
 De verde barretina e de bengallas,
 Inspectores de estrada empantanados,
 Voluntarios dos cofres devastados !
 Inspectores de escola, commandando
 De mestres e meninos largo bando,
 Acompanham á marcha de corneta !
 Capitães de policia de baeta
 Pedem cinco mil réis p'ra montar guarda,
 E uma esmola tambem p'ra fazer farda !

Da guarda de honra á frente do caminho
 Brada um vulto ao luar :— Capitãosinho,
 Eu não pude salvar-te, apanhei muito,
 Mas destas coxas tu farás presumpto !
 Era o vulto gentil ubatubano,
 Mandado pelo club soberano
 Com bentinho, rosarios e medalhas,
 Louça velha, pão doce e maravalhas !
 Apenas avistou perto a matula,
 Com seu chapéu na mão, deu volta á mula,
 Etomando o seu ar de páu de cerca,
 Começou a gritar : — quem aqui merca ?
 De tudo lá na Côrte eu só dispunha,
 Não me chamem Barboza—Antonio Cunha
 E' meu nome de guerra, eu faço tudo,
 E por isso aqui vim jogar entrudo !

Arriando um balaio ao pé da gente,
Cheguem, disse, rapazes, é pão quente !
Não quero pão, gritou Paulo Delphino,
Não me zangue que eu vou repicar sino !
Esborrachou nas ventas de Catão
Já meio podre horrífico mamão !
Gargalhada infernal rompeu os ares,
Que o mundo sujo via os alamares
Do general mais forte destes dias,
Que ha de vencer as glorias do Caxias !...
E com effeito, ó sorte aventureira,
Tinha a mula rendida da cadeira !
Este sim, murmurou o Manoel Reis,
Entende o cantochão, e sabe leis !
Mas eu, Caxias meu, eu fallo, eu fallo. .
Lopez, fugiu e tu, tu sem cavallo ? !
Como has de correr aquelles mattos,
Sem farda, sem espada e sem sapatos ? !
Como has de vêr aquellas serranias
Si o eavallo morreu, quando tu ias ?
Como has de vêr o grão Mac-Mahon
Que fez o testamento, homem de tom ?
E madama gentil, que vai-se embora,
Ao som da artilharia, estrada fóra ?
E o capão Mamoré todo cercado,
Donde a gente fugiu por ser fechado ;

E o Cerro-Leon feito de estuque,
 Aonde o dictador jogava o truque ?...
 O' cavallo infeliz, cavallo triste,
 Immortal catimbau ; ai ! tu só viste
 De Spanpha a dor suprema ! elle desmaia,
 Vendo um novo governo á paraguaya !...

Doutor, doutor, murmura o Honorato,
 Eu vi sem cauda á noite um grande rato,
 Debaixo de uma estante escondidinho
 Por causa de um pedaço de toucinho !...
 E o maldicto Indalecio, alma feroz,
 Quiz enforcal-o em laço de retroz !
 Mas eu peguei-lhe então fero codilho
 E as barbas lhe enfeitei de canutilho !
 Chorámos ambos a desgraça immensa
 Desse fado infernal, dessa doença
 Que faz dormir na festa á luz do dia
 O parteiro gentil da enfermaria
 Da capital da terra paulistana,
 Conhecido por Candido banana !
 O Reis quiz replicar mas caladinho
 Ficou logo avistando o Agostinho,
 O bravo cidadão de capa e opa,
 Que carimbou-o lá no hotel da Europa.
 Que é isto, exclama ousado o bom Baptista,
 Si continuam, passo-lhes revista :

Que eu me chamo Rodrigues—papa fina
O primeiro eleitor, o rei da ourina,
Quando vi em palacio uma espingarda
Na escada disparar como bombarda,
Dei um grito infernal, disse ao Barão :
Tome a espada, senhor, vista o fardão !
Que milagre ?! fugio como um besouro
Em busca do Pereira do thesouro,
Apezar de que alli eu era escudo,
Que podia apanhar jogando o entrudo !

— —

Lá vem, rinchando em chammas abrasado,
O cavallo que foi amortalhado !
Traz em cima um macaco de fardão,
Que pelo geito creio ser barão !
Ao vêr o animal latem os cães.
E toda gente grita :— é o Guimarães !

— —

Cumprio-se a penitencia ; os peccadores
Foram pintados de diversas côres.



SONETO
(IMITAÇÃO)

IMAGINO si em teus ciliis
Uma lagrima estremece
Que a noite pede uma prece,
E a noite solettra idyllios.

Depois sonhando um sorriso,
Que a medo o labio te enflóra,
Creio, vêr surgir a aurora
Na entrada do paraizo

Mas, quando choras sorrindo
N'um extase immenso, ethereo
Que o teu ser todo envolveu,

Cuido então que vais fugindo
Que te esvaeces, mysterio !
Aurora em noite no céu !



SONHO

Qs tristes olhos meus, tão empregados
No emprego de vos vêr... desempreguei-os;
Nos vossos os prenda, pobre—ceguei-os
No assombro desta luz quasi assombrados !


Estes cuidados meus tão mal-cuidados,
Ou morte ou vida, assim, assim deixei-os ;
Foi por querer, senhora, que busquei-os,
E sem querer, de amor vi despresados.

Si agora anoiteceu-me o pensamento,
E em vosso rosto, qual manhã risonha,
Não me-abre o sorriso o firmamento ;

Si o dia é sempre o mesmo, e a luz tristonha,
E o tempo igual e a hora sem momento,
Dizei si vivo ou si a minha alma sonha !



A AMANTE DO POETA


ESTRELLA do poeta, ó tu Marilia,
 Que do genio as canções ouviste em sonho,
 Onde repousas, onde?—Por que dormes
 Filha da inspiração? Dos verdes ramos
 Por que voar ao funebre cypreste?
 Ave de plumas d'ouro, quem mandou-te
 Trocar a festa de teus patrios lares
 Pela patria da morte? oh talvez fôsses
 Alma partida—completar tu'alma,
 Ser decomposta—reviver de novo!
 Eras a muza, procuraste a lyra!
 Raio da luz do sol, o sol colheu-te!
 Anjo exilado nos umbraes do empyreo,
 Como ao Dante, Beatriz, lá te espera—
 O inspirado cantor!

Onde repousas, onde? entre alguns ossos
 Da escuridão nas trevas! O sepulchro
 Devora-te cruel, á ti formosa,
Que eterna lyra consagrou na terra!

Robou-te a luz o tempo !... Um novo dia
Creou-te á mente a beira de uma tumba ;
Era abrigo immortal e nova noite
Escureceu os largos horizontes...

Anjo—buscaste a patria !...

De teus olhos, da trança embranquecida,
Do teu gesto, da falla maviosa,
De tudo que foi teu—que resta agora ?
Despojo da existencia em cóva humilde,
Grandes memorias nas canções do bardo,
A cruz na sepultura !

Oh não, tu não morreste ! eras a sombra,
A imagem ;— o idéal estava n'alma !
Teu corpo era visão ; o teu espirito
No perfume da flôr, na luz d'aurora,
Na viração da tarde, ao sopro d'alva,
Vagava em torno á lyra de Gonzaga
Como da chamma em roda a maripoza,
Oh beija-flôr dourado !

Tu não eras a flôr lá desses campos,
Onde a fortuna lhe enterrava os ossos ;
O sol da terra agreste e solitaria,
Onde não trina o sabiá da tarde !
Oh não, Marilia, não ! tu'alma virgem
Tinha o perfume da floresta, quando

Florindo a côma aos arreboes celestes,
Sacóde aromas na estação ditosa!
O sol da nossa terra ardendo em chammas,
Na tua solidão, talvez cioso,
Em céo de anil a face d'ouro erguendo,
Tinha mais vida, mais calor, mais luzes!

Dizei sombras da tarde— que saudades
Vinha chorando triste a mésta queda
Do descambar do dia— imagem fria
Desse amor que morreu cheio de vida
No perfumado berço— qual da rôla
Na lorangeira em flôr o pobre ninho,
Que dos galhos os ventos arrancaram!

Diga-o tambem o bardo desgraçado
Que a lyra d'ouro pendurou sosinha
Nas grades da prisão, e viu seus hymnso
Trocados pelo pranto, e o riso em magoas?
Foi poeta por ti! por ti das auras
O brando ciciar das azas meigas
Escutou!— por ti sómente á noite
Ouvio em sonhos, no mysterio envolta,
A segredeira voz do teu futuro,
Murmurar-lhe um adeus;— a gloria sua
Foi teu amor, o teu amor sua alma!
O teu rosto no céo, tua voz n'aragem.

N'aurora a tez mimosa, o gesto em sonho,
 N'alvura a neve, no teu porte airoso
 Um não sei que de mystica ventura,
 E de innocencia virgem de mentiras,
 Na graça um paraiso, a primavera,
 Tudo em ti— o universo resumido!...
 O peito, a alma, o sentimento, a ideia,
 Foi tudo ; e ai ! tudo um dia
 Morreu, como se a porta do sepulchro
 Fosse o throno do genio— a eternidade !

Quem sabe se atravez d'esses espaços
 Que separam teu corpo e o corpo d'elle,
 Duas almas hoje em laço estreito unidas
 Ligam as campas, e n'um longo beijo
 Acham na morte a vida ? !

Quem sabe se ao tremer dos arvoredos
 No *ribeirão* que as limpas aguas rola
 Tranquillo e manso á margem verdejante,
 Duas almas passam ao clarão da lua
 Como em vôo da terra ao céo brilhante ? !

E tu morreste, ó filha lá dos ermos,
 Quasi desconhecida !— De Petrarcha,
 De Tasso e de Camões, do feio Dante.
 De teu Gonzaga, emfim não valle o genio

Soberbo mausoléo— nem uma pedra
 Com uma inscripção :— á musa do poeta !
 Rasteiro pó sobre a esquecida lousa.
 A cruz na sepultura!

E' quanto basta— a solidão e a morte !
 Oh! dorme, dorme! o sabiá das mattas
 Murmurará na terra americana
 O seu hymno de amor! serás eterna,
 Emquanto a flôr brotar por esses campos,
 E a voz dos ermos entregar aos ventos
 As lyras de Gonzaga!



MEU VERSO

SUAVE e debil, meu verso
Buscara o teu jardimzinho,
Se acaso tivesse azas
—As azas do passarinho.

Scentelha—voára presto
Ao teu risonho aposento,
Se acaso tivesse azas
—As azas do pensamento.

E lá ficára adejando
A teu lado, em santo ardor,
Se acaso tivesse azas
—As azas puras do amor.



A LIBERDADE

Es e não és, serás : morta sorris-te ;
 Vives no labio ingrato que te nega :
 Presa—dás luz á humanidade cega ;
 Solta—teu seio ás seducções resiste !

Nunca envelheces, moça—alegre ou triste
 Teu hombro o globo colossal carrega ;
 Teu sangue é chuva preciosa—rega
 O pó das gerações que nunca viste.

Mudas de aspecto e fôrma !—se vencida,
 Faz-se a derrota o symbolo da victoria ;
 De toda vida se compõe tua vida :

A arte, a Sciencia, a Poesia, a Historia,
 São teu cortejo triumphal ! unguida
 Levas do horto a humanidade á Gloria !



A CASTRO ALVES

M

ALVEZ é somno a vida, e vida a morte,
Dorme-se aqui pr'a despertar além !
O vivo é um morto, e a luz que do alto vem
Do céu á terra é a ponte de transporte!

—Passageira illusão, ou crença forte...
Quem sabe?!—O mundo é o nada... e a louza tem
O segredo da sphynge... o mal e o bem
Das mortas gerações... destino ou sorte l...

Não sei ; responde :—a tua mocidade,
Planeta em céu ignoto, é anjo ou nume,
E o sol de lá é a luz da eternidade ? !

Talvez !,.. quem sabe!... o pó tudo resume!...
Mas o teu coração, ainda saudade,
Ficou—murmurio e flôr, brisa e perfume.



A FE'

DEUS guardou-te a semente solitario,
 E aos vivos disse :—é a arvore de Maria ;
 Deus te plantou na hora da agonia,
 E aos mortos disse :—é o cedro do Calvario ;

Deus teus ramos encheu de fructo vario,
 E de folhas a copa alta e sombria ;
 Deus cobrio-te a raiz que estremecia
 De suor e sangue, e o tronco de um sudario ;

E deu-te benções no sorrir primeiro,
 E esponja e cravo e espinhos pendurou
 Aos galhos no suspiro derradeiro...

Tu não podes morrer... elle expirou !
 Teu tronco é um fragmento do madeiro ;
 Filha do Céu—Jesus resuscitou !!



N Ã O E S I M

EU quero um *sim* e tu respondes *não* ;
Eu digo *não* e tu respondes *sim*...
Entre o *sim* e o *não*... talvez... enfim...
E' *não* o labio e *sim* o coração.

Humido o labio treme de paixão,
E o *não* lá vem de manso, a furto assim...
Mas teu olhar de languidez sem fim
E' um *sim* que morre no desmaio em vão.

Pois seja o *não* e o *sim* á mesma hora,
O *não* que é vôo d'ave alvoroçada,
O *sim* que é o pio d'ave á luz da aurora.

Oh! dize *não*... mais um abraço e nada...
Oh! dize *sim*... e mais um beijo agora...
E *não* e *sim*... depois é madrugada.



A GLORIA

DÁ-ME um pouco de luz, exclama a vaga ;
 Dá-me um pouco de espuma, o sol murmura ;
 — Póde orvalhar-te um beijo a face pura ;
 — Póde o seio queimar-te a luz qu' affaga.

Não me deixes, ó mar, brandinha e maga
 Soluça a espuma de nevada alvura :
 Guarda-me, ó sol, a eterna formosura,
 Escreve a luz, a resvalar na fraga !

E o niveo froco ao longe phosphoresce,
 E nas ondas o sol vai dormirar...
 Oceano de luz, quem te conhece ?!

Ha Deus no espaço, ha vibrações no ar...
 Gloria, assim és — na morte a vida cresce,
 A corôa é o sol — o pedestal é o mar!



LENDO CAMÕES

UM *que* de brando e um *não sei que* de altivo
 No rubro labio crespo de carmim ;
 Um *que* de fina mofa... e assim... assim...
 Nos olhos seus um *não sei que* de vivo ;


Um *que* e um *não sei que* em traço esquivo
 Na mobil graça que diz não e sim ;
 Um *que* d'entre o coral, rindo o marfim,
 De um *não sei que* de voz ou som festivo ;

Um *que* de leve aragem no sorriso,
 De leve borboleta um *não sei que*
 No aereo passo que subtil diviso

Traquinando, menina, escuta e crê :
 De todos estes —*ques*— do paraizo,
 Se não ha *para que* diz e *porque*.



ASPERAÇÕES


 UANDO eu morrer ninguem venha chorar-me
 Lancem meu corpo á solidão sem termos ;
 Eu amo aquelles céus, aquelles ermos,
 Onde a tristeza, Deus, vem consolar-me !

Lá, sinto ainda est'alma esvoaçar-me
 Etherisada, e eu sonho a renascermos ;
 Eu e ella, ambos sós, ambos enfermos,
 Eu morto já e ella a despertar-me !

Lá, fico aragem, folha, passarinho ;
 Lá me transforma em echo a solidão
 E a natureza inteira abre-me um ninho.

O' Deus de amor, ó Deus da criação,
 Prende minh'alma aos musgos do caminho,
 Derrete-me no espaço o coração !...



LENDO PETRARCHA

QUANDO leve passou, quasi em delirio,
As flôres conversavam no jardim :
Rosa, perdeste a côr—disse o jasmim ;
E o perfume tu—disse o *martyrio*.

Mais serio n'haste fallou grave o *cyrio* : (*)
Cravina, viste o labio de carmim ?
Zangou-se a dahlia de candura assim,
Da nivea alvura apaixonou-se o lyrio ;

Fez-se o canteiro branco, a orchestra ardente ;
A flôr, o orvalho, a folha, a brisa, o ninho
Estremeceram de paixão fervente !

Faltava a *sympathia* do carinho
Regia batuta e divinal regente :
— Raiou o o sol, cantou um passarinho !



(*) A flôr vulgarmente denominada *Flôr de cêra*.

UM PÉ

ADOREM outros palpitantes seios,
 Seios de neve pura ;
 De angelico sorrir meiga fragancia,
 Ou sobre o collo de nevada garça,
 Cahindo a medo, em ondas aloiradas,
 Bastos anneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato
 Na alvura do alabastro,
 A voz suave, o pallido reflexo
 Da luz do céu em face de criança ;
 Ou sobre altar erguido á formosura
 Na fronte eburnea a morbida brancura.

Adorem outros de um airoso porte
 Relevados contornos,
 A magestade da belleza altiva,
 Desdenhoso passo, o gesto ousado,
 A descuidosa mão, que a trança alisa
 Na tripode infernal a pythoniza.

Não, não quero painéis de tal encanto,
Tenho gostos humildes.
Amo espreitar a negligente perna,
Que mal se esconde nas rendadas saias,
Ou vêr subindo o patamar da escada
Sem azas a vôar um pé de fada !

Um pé, como eu já vi de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso ;
Um pé de matar gente e pisar flores,
Namorado da lua e pae de amores !

Um pé, como eu ja vi, subindo a escada
Da casa de um doutor ;
Da moçoila gentil a erguida saia
Deixou-me vêr a delicada perna.
Padres, não me negueis, se estaes em calma,
Um coração no pé, na perna um'alma.

Um pé, como eu já vi, junto á ottomana,
Em fervido festim,
Tremendo de walsar, envergonhado
Sob a meia subtil, e a cor do pejo
Deixando fluctuar na veia azul,
Requebro, amor, feitiço—um pé taful!

Poeta do amor e da saudade
Depois de morto peço,
Em vez de cruz sobre a funerea pedra,
A forma do seu pé, foi o meu culto.
Quero sonhar o *resto* enquanto a lua
Chorosa e triste pelo céu fluctua...



O RETRATO

INCLINE o rosto um pouco... assim... ainda ;
 Arqueie o braço, a mão sobre a cintura ;
 Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura,
 E a covinha animar da face linda !

Erga a ponta do pé... que graça infinda ! ?
 Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
 Feitiço azul de orvalho que fulgura,
 Froco de luz suave que não finda !...

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada...
 Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
 Na ruguinha da fronte jambeada.

Enfadou-se ?... Meu Deus, eil-a que chora !
 Pois cahio-me o pincel : que mão ousada,
 Pintar de noite o levantar da aurora !



* Publicada n'A *Propaganda* (da cidade de Juiz de Fóra) n. de 27 de Nov. de 1886.

LENDO ANACREONTE

Lo labio com a rosa conversava,
 Presa no labio a rosa purpurina,
 Dizia o labio :— tu tens côr divina;
 Desmaio ao vêr-te :— a rosa suspirava.

Tens mais carmim —o labio replicava.
 Dizia a rosa : ó bocca breve e fina;
 Tornava o labio : — tua côr fascina;
 Pois eu roubei-te — a rosa murmurava !

E assim meigos fallando o labio e a rosa,
 — No labio a rubra flôr abrindo vi,
 E pareceu-me a flôr bocca mimosa.

Queres saber agora o que eu senti ?
 Imagina, se o pódes, vergonhoça,
 Qu'eu fosse borboleta ou colibri.



Teu Nome

TEU nome foi um sonho do passado ;
Foi um murmúrio eterno em meus ouvidos ;
Foi um som de uma harpa qu'embalou-me a vida,
Foi um sorriso d'alma entre gemidos !

Teu nome foi um éco de soluços,
Entre as minhas canções, entre os meus prantos,
Foi tudo que eu amei, que eu resumia
—Dôres—prazeres—ventura—amor—encanto !

Escrevi-o no tronco do arvoredado,
Nas alvas praias onde bate o mar,
Das estrellas fiz lettras—soletrei-o
Por noite bella ao morbido luar !

Escrevi-o nos prados verdejantes
Com as folhas da rosa ou da açucêna !
Oh ! quantas vezes na aza perfumada
Correu das brizas em manhã serena !

Mas na estrellá morreu, cahio dos troncos,
Nas praias se apagou, murchou nas flôres :
Só guardado ficou-me aqui no peito
— Saudade ou maldição dos teus amores !



A PALMEIRA

ESBELTA, erguida neste campo immenso,
 Balouças a ramagem.
 E as verdes palmas de pudor se vergam
 A's caricias da aragem.

No liso tronco e na elevada copa,
 Scismas, sonhas talvez ;
 Quem sabe quantos prantos fugitivos
 Rolaram a teus pés ! ?

Que braço nú sobre o entesado arco
 Poisou á sombra tua ?
 Que mãe aqui chorou, rola dos bosques,
 Pelo clarão da lua ! ?

Talvez, talvez no topo a flôr aberta
 Balançava sorrindo,
 Enquanto os écos iam nas florestas,
 Gemidos repetindo.

Ficaste—sim despida de lembranças,
Entre a vida e o pó,
Como sem ramos da queimada existem
Troncos no campo só.

O sol que desce e te incendeia a coma
E' o sol da nossa terra,
Vento lá do sertão, do céu sem nuvens,
Desceu d'aquella serra.

Traz saudades, traz vida—e traz perfumes
Lá do ninho azulado,
Ave de luz que as azas d'oiro bate
No adejo alvoroçado.

Ai! tu, palmeira, de verdor coberta,
Sonhas, scismas talvez!
E viver, viver! no invisível livro
Da natureza lês!

Do passaro a cantar, do vento ao longe,
Entendes a harmonia;
E bebes louca os amorosos beijos
Do levantar do dia.

A' tarde, quando a sombra pardacenta
Passa tremendo e vai
De teus ramos também, vestígios tristes,
Alguma flôr te cahe!

Quem sabe se á raiz te poisam ossos,
 Se era um deserto aqui ?
 Se era occulto mysterio o burburinho
 Da viração que eu vi.

E' noite, é noite! de tuas verdes palmas
 O sereno cahiu,
 Talvez lagrimas tristes, historia longa
 D'um sonho que fugiu !



MEU TESTAMENTO

UEM cá, traze a tua caixa de costura,
E em vez de agulha tira o teu rosario,
O caso é sério,
Póde causar-te riso. .
Tu vais servir-me agora de notario.

Em nome da Santissima Trindade,
Livre o juizo e são o entendimento,
Sentado em teu banquinho,
Inda a teus pés sonhando,
Eu dicto, escreve tu meu testamento.

De todos os meus bens desembargados,
Faço-te a minha herdeira universal ;
Mas não sem condições,
— Guardarás, se puderes
Meu coração no fundo do dedal.

Deixo-te um longo beijo bem no meio
Da fina bocca. ah sim, guarda-o com medo !
Póde haver curioso
Que por instincto ou habito
Tente roubar do cofre o meu segredo.

N'um cantinho do labio entre umas dobras
 De purpura subtil e junto á neve,
 Deixo-te os meus suspiros
 A procurar carinhos
 De longas horas em momento breve.

Não te deixo um abraço. foram tantos !
 Não sei si o diga, corará teu rosto.
 Talvez nas aperturas
 Das nacionaes finanças
 Ouse o fisco lançar-me algum imposto.

Deixo-te aquelle olhar tão feitriceiro,
 Meio luz, meio sombra, assim, assim,
 Ao pé do jasmineiro,
 Aquelle olhar tão languido,
 Aquelle olhar do banco do jardim.

O mais é reservado e escripto fica
 Em teu quartinho, ao lado do teu leito,
 Flôres, quadros, perfumes,
 Meus sonhos a voar.
 Queres um codicillo mais bem feito ?

Guarda estes versos ; são meu testamento
Podem cerral-o anneis de teus cabellos ;
Mas si ingrata o perderes
Virei roubar-te á noite
Minhas cartas de amor entre os novellos.

O *Paiz* publicado-a em seu numero de 10 de Novembro, precedeu com as seguintes linhas esta :

« *Poesia inédita de José Bonifacio.*—As mimosas estrophes que somos os primeiros em publicar reuñem o que de mais delicado e sentido se póde encontrar na lyrica moderna. O poeta imaginoso e cheio de emoção que tantas elegias escreveu e o humorista fino que deu-nos aquella deliciosa narrativa poetica sobre *Um Pé*, nestas quintilhas sobre o seu testamento, põe em evidencia todas as peregrinas qualidades do seu elevadissimo engenho. »



A UM JOVEN POETA

POETA— é teu condão cantar no mundo
 E sonhar...— e sonhar ;
 Passar como o cysne em lago d'oiro
 Nas aguas a boiar !
 Ave consona— tens as azas candidas
 Como as azas de um anjo :
 A vida é negra : mas que importam males
 Se és na terra um archanjo ?

Ri-te na mente um mundo predilecto,
 O teu Eden vedado ;
 Viçam as flores, faz-se verde o campo,
 E' o céo azulado.
 Mas amanhã quem sabe ? Os sonhos passam,
 A flôr é já murchada,
 Opaco o céo, a hervagem resequida
 E a lousa alevantada.

Poeta— é teu condão cantar no mundo,
 Deus fadou-te ao nascer :
 Passarás como o cysne em lago d'oiro
 Cantando até morrer !

Eia !— Carreira infinda se te abre,
A gloria ao longe entre laureis te chama,
Os rios correm, as estrellas brilham,
O céo vivo se arreia, as aves trinam ;
Tens um ninho nos astros ;— eia vôa !

Publicando-a em seu numero de 27 de Outubro de 1886 disse o *Jornal do Commercio* : « Para julgar José Bonifacio como poeta inspirado, basta lêr a sua poesia *A um Joven Poeta* que a elle mesmo mais do que a ninguem podia ser dedicada ».



SONETO

AO DR. ANTONIO CAETANO DE CAMPOS

B mundo é um campo, uma teara a vida,
 Uma colheita a morte em cada dia!—
 Ha temporaes de gozo e de alegria,
 E um fundo abysmo — o da illusão perdida!...

Tu, medico, sem poiso e sem guarida,
 Penitente da dôr, que a dôr crucia,
 Que transformas em balsamo a agonia,
 Em hostia a magua, em sacerdocio a lida...

Dize :— neste combate porfiado
 — Da morte a derrubar fructos e flôres,
 — Do esforço teu no amor sanctificado,

Qual mais se gasta e lança mais fulgores :
 — O coração que ri, quando maguado,
 — A alma a chorar quando mentiu ás dores?!

Escreveu a *Gazeta de Noticias* em seu n. de 31 de Outubro
 (1886):

Julgamos que é inédito o seguinte soneto, cujo autographo está entre os muitos e preciosos que possuía o commendador Silva Rio, e de que gentilmente nos offereceu uma copia seu digno filho, o brilhante escriptor conhecido pelo pseudonymo de *Flumen Junius*.

Segue-se na mesma folha :

« N. B.— Desculpa pelo papel e fôrma deste recado final : o papel de peso *pesaria* por ceremonioso ; outra fôrma pareceria antes diplomatica do que sincera, escripta no momento em que o faço. Vão os versos e o recado no mesmo papel. Alma sem estro em corpo doente só pôde fazer versos rachiticos. Corrija-os ou rasgue-os, se não prestarem. O coração fez o que pôde ».



AO JANGADEIRO

DOUS evangelhos symbolisam a cruz
 — Do berço ás tristes horas de agonia ;
 Este — aurora sem par de novo dia,
 Aquelle — a noite mystica da luz !

Um na primeira lagrima seduz,
 Outro na derradeira revivia:
 Este o suor de sangue predizia,
 Levava aquelle o canto de Jesus !

Pobreza e fé ! Amor e liberdade !
 Foi pescador o Christo. e o captiveiro
 Teve no apostolado a humanidade.

Talvez... talvez... o imperio brasileiro
 Vio a imagem do Christo — dôr, saudade,
 Descer do sol ao mar — no jangadeiro !



OS NOSSOS SONHOS

TU e eu ! que ventura e vida immensa ?
 Que lindo sol ! que bella primavera !
 Pudesse eu vêr-te ainda ! Oh ! quem me déra
 Tua alma remoçar e a minha crença !
 Aquecer-me ao clarão esmorecido
 Dessa restea de sol, meio sumido !

Mas os dias de outr'ora não volveram !
 Mas é já tarde p'ra fallar de amores !
 Os nossos sonhos, nossas pobres flôres
 Em seu proprio jardim já feneceram !
 Foi d'ancia de viver... não sei de que...
 Decifra o mytho, e, se o não pódes, crê

Inda te escuto a voz, inda á noitinha
 Vejo tua sombra a perseguir-me os passos ;
 Inda em meu sonho, em placidos abraços,
 Contemplo est'alma que me diz que és minha !
 Mas da tarde á serena claridade
 Quero chamar-te e chamo-te saudade !

N'outro tempo, meu Deus não era assim,
 Tudo então me fallava só de amores :
 A briza, o orvalho, o ninho, o céo, as flôres,

A natureza inteira, o mar sem fim !
 Até cada rumor dos arvoredos
 Era um ninho d'amor — tinha segredos !

Em nossa vasta solidão sem termos
 Não se ouvia do mundo um só respiro
 Tinhas tu em meu peito o teu retiro,
 Eu em teu coração meus doces ermos !
 Minha alma era tua alma repartida,
 Duas vidas ligadas n'uma vida.

Oh ! não viamos do mundo o vai-vem
 A festa; a luz, a dança, as doudas fallas ;
 Só viviam, meu Deus, naquellas salas
 Tu e eu tão sómente e mais ninguem
 O meu teu ser, o teu meu sentimento
 Unidos coração e pensamento.

Mas á visão final a vista me arde...
 Vi um altar...ouvi um juramento...
 De tua doce voz o meigo accento
 Murmurou-me um adeus... Era já tarde !
 Ai ! despertei do sonho em que vivi
 Sem luz, sem sol, quero dizer sem ti !

Publicada no *Paiz* de 19 de Dezembro — « De domingo á do-
 mingo.—» ... poesia inédita de José Bonifacio, bellissima joia com
 que fômos brindados.



Nondum lucebat

(*A' Theophilo Ottoni*)

EIL-O cahido e sósinho
 Na sepultura— que leito !
 Ergueu-se a Cruz no caminho...
 Palpitou, parou seu peito !
 Deixai passar o ataúde
 D'aquelle tribuno rude,
 Altura nesta planicie...
 Da noite estrella cadente
 Sol que morreu de repente
 Dos mares na superficie !

Vergonhas do meu paiz
 Ha grandes a mais não ser ;
 Este ? não. Nunca a cerviz
 Soube dobrar ao poder !
 Não cahio — ergueu-se agora ;
 Não é treva — é luz d'aurora
 Não morre — vive de novo
 Vida maior — immortal,
 Fitando o divo fanal,
 Voou dos braços do povo

Da turba triste enlutada
 Cada gemido era um hymno;
 De cada amigo na estrada
 Havia no pranto ensino !
 Aprendei no grande exemplo
 A's portas do sacro templo
 Tambem dos livres altar !
 Vêde um gigante pequeno,
 E' um gigante Nazareno,
 Que viveu, morreu de amor !

Que amor tamanho era aquelle,
 Que o peito lhe incendiava !
 Ai ! coração como o d'elle,
 Ai ! meu paiz, encantava !
 Tinha as coleras do povo,
 Por isso como era novo,
 Tão puro no esquecimento ? ! ...
 Aquelles braços amantes
 Abriam-se como d'antes,
 Ao clarão do pensamento !

Arreboes da mocidade,
 Sombras da idade madura...
 Vinde vêl-o, Liberdade,
 Sobre aquella sepultura !
 Oh ! deusa, foi nobre o culto ;

Mas aqui mesmo sepulto
Conserva o symb'lo primeiro...
De cima um raio de luz,
Da campa nua uma cruz,
Juncto—o povo brasileiro :

Sorriram daquelles dias
Das multidões em delirio!
Ai ! mangradas alegrias
Que foram tambem martyrio !
Sorriram porque n'ardencia
Das luctas na effervescencia
Era gigante e criança!
Como é tão alvo o sudario ? !
Sobre o leito mortuario
Seu lenço branco descansa !

Seu lenço—prisão sagrada—
— Talvez diaphano véo—
Da liberdade encantada,
Da meiga filha do céu !
Oh ! quando o lenço voava
Como a turba se apressava
Como o delirio crescia !
Quem sabe, povo, em teus braços
Naquellés doidos abraços,
Uma só alma vivia ? !

Uma só! quanta grandeza
 No pulsar do coração,
 Cratera que estava accesa,
 De mil volcões um volcão !
 Que vozes! quantos clamores ?
 Entre um chuvaeiro de flôres
 Quanta esperança de luz ?!
 Ai! dize-me agora, o' lua
 Si o lenço branco fluctua
 Nos mudos braços da cruz ?

Talvez da noite á calada
 Morno o clarão do teu rosto
 Soluce a deusa encantada
 Do funereo e triste encosto.
 Ai! filho eu não te abracei,
 Não pude vêr-te—ceguei
 De tanto chorar—ai! tanto!
 Ai! filho meu, véo d'amores
 Quero cobril-o de flores,
 Quero orvalhal-o de pranto !

Seu lenço—pobre memoria !...
 Guardai-a, povo, que é vossa ;
 E' trapo, mas é de gloria ;
 Lembrança triste, mas nossa !
 Reliquia sagrada e pura

Na pedra da sepultura
Deu-lhe o pó encanto novo ;
E' nossa, nossa bandeira,
Mesmo occulta na poeira,
Esse farrapo do povo !

Neptuno dos altos mares
De enthusiasmo sem conta,
Entre as vagas populares
Como o seu vulto remonta ? !
Não o quero deputado,
Não m'o levem p'ra o senado
Deixai-mo só cidadão !
Mostrem-me o vulto querido
Naquellas ondas perdido,
De branco lenço na mão.

De sentimento—que historia
Se esconde alli na poeira ? !
Aquelle crepe de gloria
Já fluctuou—que bandeira !
Paixão... delirio... esperança !...
O povo é tambem criança,
Criança que é rei um dia !
Não tirem-lhe o lenço, não !
Amores da multidão,
Escarneos da fidalguia !

Otoni ! que largos annos !
 Oh ! que homericas batalhas,
 Quantos lances sobrehumanos,
 Laureis, corôas, mortalhas ? !...
 Nos passos do teu caminho
 Quanta rosa e quanto espinho
 Apostolo da liberdade !
 —E' noite ! noite fechada...
 Mas não tarda a madrugada...
 Canta uma ave —a mocidade !

Não tarda a manhã serena
 Pelas orlas do Oriente !
 E vai-te embora !... Que pena
 Se amanhecer de repente ? !...
 Os passarinhos nas selvas
 Per'las de orvalho nas relvas...
 Luz e sombra—que portento !
 No val, no matto e na serra...
 O homem ri-se na terra
 Ri-se Deus no firmamento !...

Deus, ó Deus —que alma de bruto
 Póde esquecer-te, senhor ? !
 Se até a flôr e o fructo
 Dão mudos gritos de amor ! ?

Palmitaes de minha terra,
Meus nevoeiros da serra,
Acaso rides? Chorais?
Ha rumores pelos fossos;
Parece que rangem ossos
Na campa de nossos pais!

Sessenta e um annos —que idade
Que vida de inspirações!
Ao sopro da tempestade,
Ao grito dos furacões!...
Hoje erguido Capitolio,
Dos braços do povo—um solio,
Depois o carcer' mofino!
E sempre, sempre que luz,
No mudo topo da cruz,
Naquelle berço divino!

Tribuno do povo — rei,
Propheta do povo — Christo,
Eu apenas te deixei,
E já de longe te avisto!
Treme o seio do Sinai,
Brada o Eterno —voltai,

Sêde o nuncio da igualdade !
 Rasgam-se os horizontes,
 E eu vejo, razos os montes,
 — Patria, Deus e Liberdade !

Publicada n'*A Propaganda* (de S. Paulo) com estas linhas :
 ... bella poesia, dedicada á memoria de *Th. Ottoni* por um
 eminente cidadão, amigo do povo como o saudoso tribuno e syn-
 these das mais puras sympathias da mocidade brazileira.

Transcrevendo-a em seu numero de 20 de Maio de 1871,
 accrescentou *A Republica* : « E' escusado declinar o nome de José
 Bonifacio, o moço. »



SONETO



E te procuro, fujo de avistar-te,
E se te quero, evito mais querer-te,
Desejo quasi — quasi aborrecer-te
E se te fujo estás em toda a parte.

Distante, corro logo a procurar-te,
E perco a voz e fico mudo ao vêr-te ;
Se me lembro de ti, tento esquecer-te
E se te esqueço, cuido mais amar-te.

O pensamento assim partido ao meio
E o coração assim também partido
Chamo-te e fujo, quero-te e receio !

Morto por ti, eu vivo dividido,
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio
E sem saber de mim vivo perdido.



INDICE

	Pags.
Traços biographicos e apreciações.....	v
<i>Pauvre Fleur</i>	3
Adeus de Gonzaga.....	5
Saudades do escravo.....	9
O Tropeiro.....	12
Calabar.....	19
Anjo no exilio.....	23
Liberdade.....	25
Visão.....	30
No Corcovado.....	33
Soneto — <i>O' Dante!</i>	39
Gaturamo.....	40
A Fr. Francisco de Mont'Alverne.....	42
A Rodrigues dos Santos.....	45
Que importa?.....	51
Arvore secca.....	53
<i>Primus inter pares</i>	55
O Redivivo.....	60
A' margem da corrente.....	65
Ao conde de Porto-Alegre.....	72
O Corneta da morte.....	77
A Camões.....	84
Um ar de Santa.....	85
<i>O Barão e o seu cavallo</i>	86
Imagino (<i>imitação</i>).....	147

	Pags.
Sonho.....	148
A amante do poeta.....	149
Meu verso.....	154
A liberdade.....	155
A Castro Alves.....	156
A Fé.....	157
Não e Sim.....	158
A Gloria.....	159
Lendo Camões.....	160
Aspirações.....	161
Lendo Petrarca.....	162
Um Pé.....	163
O Retrato.....	166
Lendo Anacreonte.....	167
Teu Nome.....	168
A Palmeira.....	169
Meu Testamento.....	172
A um joven poeta.....	175
Soneto (Ao Dr. A. C. Campos.....)	177
Ao Jangadeiro.....	179
Os nossos sonhos.....	180
A' T. Ottoni.....	182
Se te procuro.....	190





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).